

AVENTURAS NA

HISTÓRIA

ESPECIAL
OLIMPIADAS



WWW.AVENTURASNAHISTORIA.UOL.COM.BR

MULHERES OLÍMPICAS

ATLETAS FEMININAS SUPERARAM
BARREIRAS MORAIS, SOCIAIS
E POLÍTICAS ATÉ ALCANÇAREM
A IGUALDADE EM PARIS 2024

ENTREVISTA COM
HORTÊNCIA MARCARI,
PRATA EM ATLANTA

COMO ERAM OS JOGOS
DA ANTIGUIDADE

O RENASCIMENTO
OLÍMPICO NA
ERA MODERNA

A ORIGEM E A
CRIAÇÃO DOS JOGOS
PARALÍMPICOS

JESSE
OWENS:
O OURO
NEGRO
QUE
VENCEU
HITLER
EM 1936



Desenho:

Eduardo Fernando Mafud

Desenho Gráfico:

Thiago Lincolim

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Editor:

Isabel Doria Rapoport

Editora de Arte e Ilustrações:

Murilo Filgueiras

Revisão:

Hellen Ribeiro

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

MULHERES OLÍMPICAS

**ATLETAS FEMININAS SUPERARAM BARREIRAS MORAIS, SOCIAIS
E POLÍTICAS ATÉ ALCANÇAREM A IGUALDADE EM PARIS 2024**

EDIÇÃO 254

**SÃO PAULO
EDITORA PERFIL
2024**

PRESENÇA FEMININA

Querido leitor, querida leitora, pela primeira vez na História das Olimpíadas estamos vivendo uma edição com igualdade total de gêneros nas cotas de vagas. E eu, particularmente, vibrando com isso, de mãos dadas a tanta gente pelo mundo. Tempos atrás, publicamos uma edição temática em AVENTURAS NA HISTÓRIA sobre a participação dos negros nas Olimpíadas, que, assim como a feminina, também foi aumentando gradualmente – e com muita luta. Desta vez, o nosso foco se debruçou à saga delas, tema da reportagem de capa deste mês, em que os olhos e os corações do planeta se voltam para os Jogos

Olímpicos de Paris 2024. Escrita de forma profunda pela jornalista Raphaela de Campos Mello, você verá que a matéria não aborda apenas a presença das mulheres enquanto atletas, mas também como jornalistas, dirigentes, treinadoras, psicólogas, entre outras funções, transformando para sempre a representação feminina no esporte.

Em tempo, a edição traz também outras tantas histórias dentro de um só tema: Olimpíadas, desde a Grécia Antiga. Boa leitura, bons Jogos e até o mês que vem!

Izabel Duva Rapoport
Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres olímpicas / [Editora Caras]. --
São Paulo : Editora Caras, 2024.

ISBN 978-65-5794-052-5

1. História universal.

24-213991

CDD-909

Índices para catálogo sistemático:

1. História geral 909

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



28
CAPA

O longo caminho das mulheres entre a luta pela igualdade de gênero e o sucesso no pódio olímpico

6

GALERIA

Antigos pôsteres da era moderna

12

ARTE

Artistas também recebiam medalhas



18

ANTIGUIDADE

A história antes de Barão

24

MODERNIDADE

A história depois de Barão

14

COMO FAZÍAMOS SEM

Cobertura no rádio e TV

16

DÚVIDA CRUEL

Quando surgiu o doping nas Olimpíadas?



38

PERSONAGEM

Jesse Owens em Berlim, 1936



44

DIVERSIDADE

A criação dos Jogos Paralímpicos



COLUNAS

54

THIAGO LINCOLINS

55

FABIO PREVIDELLI

56

RICARDO LOBATO

50

ENTREVISTA

Hortência Marcari, por Edgardo Martolio

58

MEMÓRIA

Adhemar Ferreira da Silva: o primeiro bicampeão brasileiro



NO PODCAST SEMANAL DA AVENTURAS NA HISTÓRIA VOCÊ ACOMPANHA OS PRINCIPAIS ASSUNTOS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNDO E DO BRASIL AO LONGO DOS SÉCULOS. AVENTURE-SE!





PÔSTERES CENTENÁRIOS

NAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS OLIMPÍADAS, OS CARTAZES PROMOVIAM O EVENTO. DEPOIS, JÁ NOS ANOS 1960, PASSARAM A SER ESPECÍFICOS POR MODALIDADE. CONHEÇA ALGUNS DOS MAIS ANTIGOS DA ERA MODERNA **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**

ATENAS, GRÉCIA, 1896

Não houve pôster oficial nos Jogos Olímpicos de 1896, mas a capa do relatório oficial se tornou a imagem desta primeira edição. No cartaz, a deusa Atena segura com a mão direita a coroa de louros que era entregue aos vencedores. Na parte superior, os anos "776 BC-1896" destacam as primeiras edições da Antiguidade e da era moderna, conectando os Jogos antigos aos modernos. Do lado direito, ao fundo, a Acrópole e o Estádio Panatenaico. Artista: desconhecido.

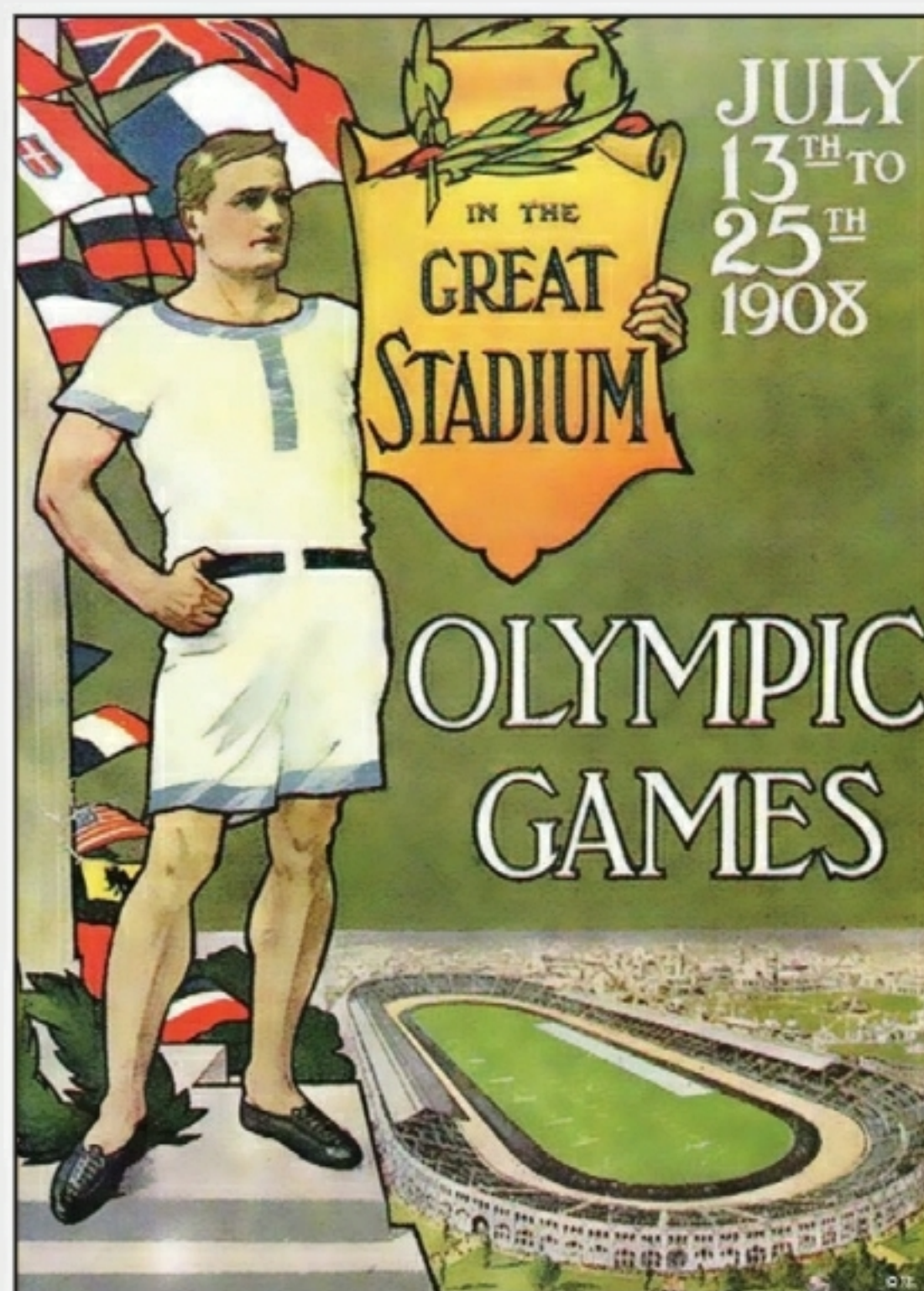
PARIS, FRANÇA, 1900

Os Jogos de 1900 foram realizados como parte da Exposição Universal de Paris, com várias competições que foram reconhecidas como olímpicas. O pôster oficial não foi produzido, porém, pela primeira vez, os organizadores criaram cartazes para promover as competições. Neste, ao lado, uma esgrimista segura em sua mão direita três tradicionais armas: sabre, espada e florete. Importante ressaltar, no entanto, que mulheres não competiram na esgrima até 1924. Artista: Jean de Paléologue.



SAINT LOUIS, ESTADOS UNIDOS, 1904

Com as Olimpíadas novamente inseridas em uma grande exposição, as competições desse ano foram realizadas em vários meses, ainda sem pôster oficial. No entanto, assim como nas edições anteriores, a imagem do programa que promovia a Feira Mundial de St. Louis acabou se tornando também a arte dos Jogos de 1904. No estilo *art nouveau*, em linhas curvas, e tipografia que também corresponde ao gosto da época, a peça apresenta a visão geral da cidade, com seus edifícios, avenidas e parques. Artista: St. John.



LONDRES, GRÃ-BRETANHA, 1908

Ao longo de décadas, pensou-se que não existia cartaz dos Jogos da 4ª Olimpíada moderna. Somente nos anos 1990 o pôster oficial, que indica data e o termo Jogos Olímpicos, foi encontrado. A peça retrata o estádio em Shepherd's Bush, com destaque para um atleta e bandeiras. Artista: desconhecido.

ESTOCOLMO, SUÉCIA, 1912

Com atletas segurando bandeiras de vários países, tendo a sueca ao fundo, este pôster foi muito criticado. A nudez dos esportistas causou controvérsia e sua exibição foi proibida na China. Além disso, havia preocupação com a ordem das bandeiras em ofender alguns países – embora o critério tenha sido artístico e não diplomático. Artista: Olle Hjortzberg.

CHEMIN DE FER DU NORD

3 Services rapides journaliers de PARIS à STOCKHOLM



JEUX OLYMPIQUES

~ STOCKHOLM 1912 ~

LE 29 JUIN — 22 JUILLET



VII^e OLYMPIADE

ANTWERPEN (BELGIË)

AUGUSTUS-SEPTEMBER -1920-

CHOCOLAT
MARTOUGIN
75, Rue des Glaciers, 75
BRUXELLES-ANVERS

LITH. E. STOCKMANS & CO ANVERS.

ANTUÉRPIA, BÉLGICA, 1920

Quando a cidade foi eleita para sediar os Jogos de 1920, os organizadores decidiram que o desenho produzido pelo comitê provisório seria o cartaz oficial. No estilo *belle époque*, a imagem apresenta um discóbolo em alusão aos Jogos da Grécia antiga. Atrás, bandeiras unidas. Ao fundo, monumentos históricos e, no canto superior, o brasão de armas da cidade. Artistas: Walter von der Ven e Martha van Kuyck.



AMSTERDÃ, HOLANDA, 1928

Os cartazes olímpicos já eram uma tradição desde 1912. Sem concurso oficial para o design, vários artistas holandeses entregaram propostas.

Por fim, os responsáveis decidiram utilizar a de Jos Rovers, cujo desenho original foi ligeiramente alterado. O uso da obra pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) levou a uma disputa legal que se arrastou por décadas e somente em 1990 que os descendentes de Rovers receberam direitos de propriedade intelectual. Artista: Jos Rovers.

PARIS 1924



PARIS, FRANÇA, 1924

O pôster de cem anos atrás foi escolhido por concurso, entre 150 projetos. Entre os finalistas Jean Droit e Orsi, levou o primeiro, que explorou temas como nacionalismo, masculinidade e romantismo. No cartaz, atletas fazem a saudação olímpica diante de folhas de palmas e o brasão das armas de Paris. A bandeira francesa tremula ao fundo. Artista: Jean Droit.

DISPUTAS DE ARTE NAS OLIMPÍADAS

PROPOSTA ERA EXERCITAR CORPO E MENTE POR IZABEL DUVA RAPOPORT

Pode parecer estranho, mas em 1906 o fundador do movimento olímpico moderno, Barão de Coubertin, propôs que os eventos esportivos tivessem também uma dimensão artística. Sua inspiração era a Grécia Antiga, onde arte e esporte andavam lado a lado como uma forma de exercitar e enriquecer o corpo e a mente. Para a edição de 1908, em Londres, na Inglaterra, o Barão não teve apoio (e nem tempo) suficiente, até que em 1912, nos Jogos de Estocolmo, na Suécia, foram lançadas cinco novas modalidades de competição no programa olímpico: pintura, escultura, literatura, arquitetura e música. As obras concorrentes deveriam ser inéditas, relacionadas ao esporte e produzidas apenas por amadores.

Na disputa de estreia de arte, o evento contou com a participação de 33 pessoas, incluindo o próprio Coubertin, cujo poema *Ode ao Esporte* recebeu medalha de ouro em literatura.

Com um número pequeno de inscrições, as primeiras competições de arte não causaram tanto impacto – algo que só aconteceu em Paris, nos Jogos de 1924, quando a qualidade dos trabalhos disparou, assim como o número de artistas participantes: 193. Entre os vencedores, estava o amador Paul Gauguin, neto do escultor francês Jean René Gauguin. Quatro anos depois, em Amsterdã, as obras enviadas já somavam mais de 1.100, especialmente ilustrações.

Entre os sete vencedores americanos dos Jogos de Los Angeles, em 1932, estava Mahonri Young, um apaixonado por boxe que levou ouro para casa com sua escultura *The Knockdown* (abaixo). Ao retratar o golpe que derruba o perdedor, o artista dá a impressão de que o corpo no chão se dissolve no tatame. A edição derradeira de artes competitivas foi em Londres, em 1948.

Embora tenham tido obras de peso, a maioria dos medalhistas é desconhecida. Assim como a ideia genial (e remota) de colocar o esporte e a arte em harmonia.

Escultura *The Knockdown* feita por Mahonri Young, dos EUA, leva ouro nos Jogos de 1932





OBRIGADA!

*Você ajudou a mudar a vida dessas pessoas na primeira fase da campanha, que arrecadou **100 cisternas**.*

Agora, nosso objetivo é entregar

MAIS 100 CISTERNAS

*para que essas famílias tenham acesso ao básico, **ÁGUA**.*



**Acesse, doe e
faça diferença
no mundo!**

visaomundial.org.br/sertao

Ou aponte a
câmera do seu
celular para o
QR code ao lado



Veja no link o documentário completo que destaca a **resiliência das mulheres** diante da **escassez de água** e o início das entregas da primeira fase.

**MULHERES NO SERTÃO
A FORÇA QUE
SUPERA A SECA**



UMA CAMPANHA DE



Visão Mundial

COBERTURA DOS JOGOS NO RÁDIO E TV

PARA SABER DOS RESULTADOS ERA
PRECISO PACIÊNCIA **POR REDAÇÃO AH**

Quem não estava em Atenas para ver os primeiros Jogos Olímpicos modernos, em 1896, não conseguiu acompanhá-los em tempo real. A possibilidade veio 28 anos depois, quando houve a primeira transmissão de uma Olimpíada pelo rádio, em Paris. Grande público foi alcançado, mas os limites eram as fronteiras do país, já que fora dele não havia um sistema adequado para transmitir. O rádio já tinha chegado ao Brasil, porém foi só a partir da década de 1930 que começou a acompanhar o maior evento esportivo do mundo, contou o professor e pesquisador em mídia e esporte José Carlos Marques. Quem queria ver, não apenas escutar, teve que esperar até 1936, quando se deu a primeira transmissão televisiva, em Berlim, na Alemanha.

Só que, para ver as Olimpíadas pela TV, era preciso ir até a Vila Olímpica ou a determinados locais públicos. O resto do mundo teve que aguardar até 1960 para poder assistir à transmissão dos Jogos de Roma. Até então, quem

não tinha TV, quem estava nos tempos antes do rádio e quem não podia viajar até a cidade-sede dos Jogos Olímpicos, ou seja, a maioria da população do planeta, tinha que se contentar com a cobertura dos jornais e revistas, o que, no Brasil, era pouco abrangente.

Nas primeiras quatro edições das Olimpíadas, chegavam poucas notícias. No Rio de Janeiro, por exemplo, uma pesquisa de Fausto Amaro, autor do artigo *Jogos Olímpicos na Imprensa Carioca: Primeiros Momentos (1890 a 1910)*, cita o caso do *Jornal do Brasil*, o então favorito entre fãs do esporte. Em toda a década de 1900, foram 46 citações aos ‘*jogos olympicos*’ (grafia da época). Onze na década anterior. “A realização das Olimpíadas no eixo Europa-América do Norte juntamente com a ausência de atletas brasileiros, que começaram a participar apenas em 1920, podem justificar a baixa incidência de notícias relacionadas às Olimpíadas no período”, escreveu Fausto.

Já o pesquisador em História do Esporte Fabio de Faria Peres lembrou a “tímida nota publicada no *Jornal do Brasil*” sobre o início dos Jogos Olímpicos de 1896, que começava assim: “Grécia. Os Jogos Olympicos. Athenas – começaram aqui os tradicionaes jogos olym-



1924



Um pai ajusta a frequência do rádio enquanto sua família senta para ouvi-lo na sala de estar, década de 1930

picos, que despertam, como de costume, o maior interesse”. Peres relatou que a nota informava que a família real, acredita-se que da Grécia, estava no local e que era considerável o número de estrangeiros no evento. “Somente depois dos Jogos, cerca de 15 dias após o encerramento, é que o *Jornal do Brasil* e o *Apostolo* publicaram uma matéria (cujo conteúdo era praticamente o mesmo com algumas poucas informações adicionais).

O esporte ainda não estava consolidado no Brasil. Peres defendeu que menos ainda as Olimpíadas. Sobre a cobertura a respeito em 1896, ele argumentou que “aqueles Jogos não gozavam do mesmo prestígio e legitimidade que viriam a ter no decorrer do século 20. Não havia monopólio sobre o próprio sentido do termo ‘jogos olympicos’. Eram um tipo de competição entre outras tantas. Seus idealizadores tiveram que ‘lutar’ pelo ‘monopólio da imposição da definição legítima’ do termo e dos sentidos associados a ele”. Os idealizadores conseguiram. A luta pelo monopólio passou para os veículos de comunicação, que competem com bilhões de dólares pelos direitos de transmissão dos Jogos e chegam a todos os cantos do mundo todo.



1936



Hamburgo, 1964: taxista coloca um aparelho de TV em seu carro para que os passageiros possam assistir aos Jogos

QUANDO SURTIU O *DOPING* NAS OLIMPÍADAS?

SUBSTÂNCIAS
“MILAGROSAS”
ESTIMULAM OS
ATLETAS DESDE
A ANTIGUIDADE

POR THIAGO LOTUFO

Substâncias para aumentar a força e a resistência física fazem parte das Olimpíadas desde a primeira de que se tem registro, em 776 a.C. Relatos do escritor grego Philostratus davam conta de que os atletas do santuário de Olímpia, que deu nome ao campeonato, bebiam chás com diversas ervas e comiam cogumelos para alcançar maior rendimento nas competições.

Na era moderna, o *doping* também acompanhou os atletas. Em 1896, corredores e ciclistas se valiam de cocaína, efedrina e estricnina em forma de pequenas esferas, chamadas de “bolinhas”, para melhorar o rendimento. Nessa época, o *doping* já era visto com

maus olhos, mas não era proibido. Em 1904, na Olimpíada de Saint Louis, nos Estados Unidos, o americano Thomas Hicks ganhou a maratona com a ajuda de ovos crus, doses de conhaque e injeções de estricnina que lhe eram aplicadas durante a corrida.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o uso de anfetaminas e esteroides anabolizantes começou a ser disseminado pelos jovens soldados que se tornaram atletas. Eles conheciam bem essas substâncias. A primeira delas era usada no front para diminuir a fome, a sede e o cansaço. Já a segunda foi muito usada no pós-guerra, para recuperar a massa muscular de prisioneiros desnutridos.

DROGAS E ESPORTE

A cafeína talvez seja o estimulante mais usado no mundo. Até os Jogos Olímpicos de 2000, em Sydney, Austrália, uma quantidade superior a 12 microgramas por mililitro de urina (cerca de quatro xícaras de café expresso para uma pessoa de 75 kg) era considerada *doping*. Por falta de estudos comprovando seu benefício nas competições, ela foi retirada da lista de substâncias proibidas em 2004.

Um vinho batizado de Vin Mariani era bastante popular entre os ciclistas no final do século 19. A bebida era produzida por um alquimista da Córsega e levava folhas de coca em sua composição. Nas décadas de 1970 e 1980, os nadadores adotavam um *doping* inusitado: recebiam ar comprimido pelo ânus minutos antes da competição. O objetivo era flutuar melhor na água.

Saiba tudo sobre o lado mais sombrio das Copas do Mundo

A obra aborda os casos mais notáveis de interferência ditatorial nas Copas do Mundo, desde a primeira, em 1930, até as mais atuais. Entenda como governos totalitários podem interferir em suas seleções e também nos resultados da competição.



À venda nas melhores livrarias.

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

SportBuzz

A HISTÓRIA ANTES DO BARÃO

COMO ERAM
OS JOGOS DA
ANTIGUIDADE

POR EDGARDO MARTOLIO



É uma tarefa quase tão árdua quanto impossível precisar com exatidão quando os esportes que integram e integraram os Jogos Olímpicos da Antiguidade foram criados ou quando foi praticado pela primeira vez cada um deles. Os únicos registros oficiais que falam de sua existência em Olímpia, na Grécia, datam de 776 a.C. A celebração dos Jogos Olímpicos também é imprecisa quan-



to à data de origem, mas duraram até 394 (isso, sim, é preciso), quando foram proibidos pelo imperador Teodósio I, de Roma.

Sabe-se também que os Jogos Olímpicos, que tinham começado como festividade de um único dia a cada ano, já eram realizados de quatro em quatro anos, porém, por um período maior, podendo até se prolongar o ano todo, com intervalos entre cada esporte. Os Jogos eram tão importantes para alguns imperadores que as disputas tinham o poder de interromper batalhas e combates, paralisar guerras – coisa que nos tempos atuais só Pelé conseguiu, no Congo, na década de 1960, na então sanguinária África. Entenda esta história a partir de pequenas cápsulas que, assim como os Jogos, pulam de evento em evento, ciclo por ciclo.

O NASCIMENTO DOS MITOS

Além do que há “documentado”, pode-se continuar repetindo que a criação das Olimpíadas data da Antiguidade, de aproximadamente 2500 a.C., quando os gregos, em honra ao deus Zeus (na mitologia grega o pai de todos os deuses), realizavam festivais esportivos. Em 776 a.C., os nomes dos vencedores começavam a ser registrados, quando então se tornavam célebres, em seguida consagravam-se heróis e, posteriormente, se transformavam em verdadeiros mitos.

TRÉGUA SAGRADA

O termo ‘olimpíada’ nasceu no ano em que Ifitos, rei de Ilíia, fez um tratado de “trégua sagrada” – em toda a Grécia enquanto as Olimpíadas eram realizadas – com Licurgo, rei de Esparta, e Clístenes, rei da Pissa, no Templo de Hera, no Santuário de Olímpia: o templo mais antigo que ainda sobrevive da antiga cidade greco-romana. Naqueles dias, a participação dos atletas era regida por um estritíssimo código de conduta e qualquer infração era punida com o máximo rigor, mesmo quando inimigos se enfrentavam.

SEM OURO, MAS COM PRIVILÉGIOS

No início olímpico, o prêmio pela vitória era uma folha de palmeira e uma coroa de ramos de uma oliveira existente perto do altar de Zeus (isso foi resgatado nas Olimpíadas gregas de 2004, concedendo um charme especial a esses Jogos). Para os homens, a vitória era uma consagração maior, promovia-os em seus trabalhos, condecorava-os moralmente se eram soldados e também proporcionava glória à cidade de origem, o que garantia que nos quatro anos seguintes seu povo o ajudaria a treinar e o patrocinaria para as Olimpíadas seguintes.



Coroa de ramos de oliveira é entregue ao vencedor da clássica corrida de bigas, em que o competidor usa charrete

O COZINHEIRO CAMPEÃO

Em 776 a.C. uma chuva de proporções inusitadas desabou sobre a cidade de Olímpia, limitando as competições a apenas uma corrida de 192,27 metros pelo estádio. Surgiu então o primeiro campeão olímpico: o cozinheiro Coroebus de Elis. A História também diz que ele era exímio para preparar os 100 bois dos Jogos, sacrificados em honra a Zeus. Por três jornadas se competia e nas duas últimas se festejava também comendo os bois.

GREGOS E LIVRES

Nas competições só podiam participar os gregos que fossem cidadãos livres e que nunca houvessem cometido assassinatos ou outros crimes punidos pelas leis. A dois meses dos Jogos, esses cidadãos-atletas viajavam e se concentravam na cidade de Elis, onde se dedicavam integralmente à preparação física e onde ficavam até o fim das disputas. Os empregos e posições no Exército (a grande maioria era soldado) eram conservados durante esse período. Só eram inscritos aqueles que falavam grego, o que de algum modo excluía os estrangeiros, embora não fossem proibidos de participar. Com o tempo se autorizou a participar dos Jogos os cidadãos das colônias gregas.

DE QUATRO EM QUATRO

Acertou-se, após a catástrofe natural em Olímpia, que os Jogos seriam realizados a cada quatro anos, durante os meses de julho ou agosto, e que esse período seria chamado de Olimpíada – e não o momento em que acontecem os Jogos, como hoje.

DEZ ESPORTES

No século 5 a.C. o número de competições chegou a dez: corrida, pentatlo, arremesso de disco, pancrácio, luta livre, pugilismo, salto em distância, lançamento de dardo, corrida de bigas e corrida de cavalos (*informações nas páginas 22 e 23*).

CINCO DIAS

O incremento no número de competições fez com que aquilo que inicialmente se disputava em um só dia passasse a ser disputado em cinco.

SÓ AS RICAS

A participação de mulheres era restrita às corridas de cavalos e apenas as donas dos animais poderiam se inscrever.

CASTIGOS

Ninguém do sexo feminino podia assistir às disputas dos esportes masculinos e havia punição para quem desobedecesse. As damas casadas eram condenadas à prisão com castigos severos e até a pena de morte podia lhes ser imputada em caso de flagrante.

EXCEÇÕES

Sempre houve prerrogativas... as sacerdotisas de Dêmetera, assim como os homens, tinham o direito de assistir às provas masculinas.

A HERAEA ERA DELAS

Mas mulheres não ficavam em casa. Enquanto os Jogos se desenvolviam, elas participavam de outra competição, paralela e exclusivamente feminina: a Heraea (quase sem registro).

ESTÁDIO

Conta a lenda que um único evento precedeu as primeiras Olimpíadas: a corrida de Stadion, uma prova de velocidade que consistia em percorrer o mais rápido possível uma distância equivalente ao comprimento dos pés de Zeus, ou 190 metros, que – por coincidência – era o espaço do Stadion, de onde deriva a palavra “estádio” que usamos hoje.

ESPÍRITO E DECADÊNCIA

A motivação original dos Jogos foi a integração do povo helênico. Mas a decadência desse espírito olímpico da Antiguidade começou em 456 a.C., quando os romanos invadiram e dominaram a Grécia. As disputas, antes esportivas, converteram-se em autênticos combates – em muitos casos, de vida e morte.

O DERRADEIRO OLÍMPICO REMOTO

Os últimos Jogos da Antiguidade foram disputados em 393, quando o imperador romano Teodósio I, com a justificativa da defesa do pudor (muitas das competições mostravam os atletas nus, um dos motivos pelos quais as mulheres não podiam assistir aos Jogos), proibiu a adoração aos deuses e cancelou as Olimpíadas. Nascido na Espanha, Teodósio I, o Grande, eliminou os últimos vestígios de paganismo e pôs fim àquilo que ele qualificava de heresia ariana, cristianizando o Império.

GINÁSIO E NUDISMO

Suspeita-se que a tradição do nu atlético tenha começado com o belo espartano Megara Orsippus nos Jogos de 720 a.C. Competir nu não era indecência nem gesto grosseiro ou provocador, inicialmente significava um tributo aos deuses, mas, com o tempo, quando começou a traduzir-se como um encorajamento da estética e em casos como um abusivo apreço pelo corpo masculino, Teodósio I o proibiu. Alguns competidores usavam o *kynodesme*, que em grego se traduz como “coleira de cachorro” (uma tira de couro usada para conter o movimento do pênis). Daqueles tempos há registros de seu *gymnos*, que em grego significa nu, de onde deriva a palavra ginásio.

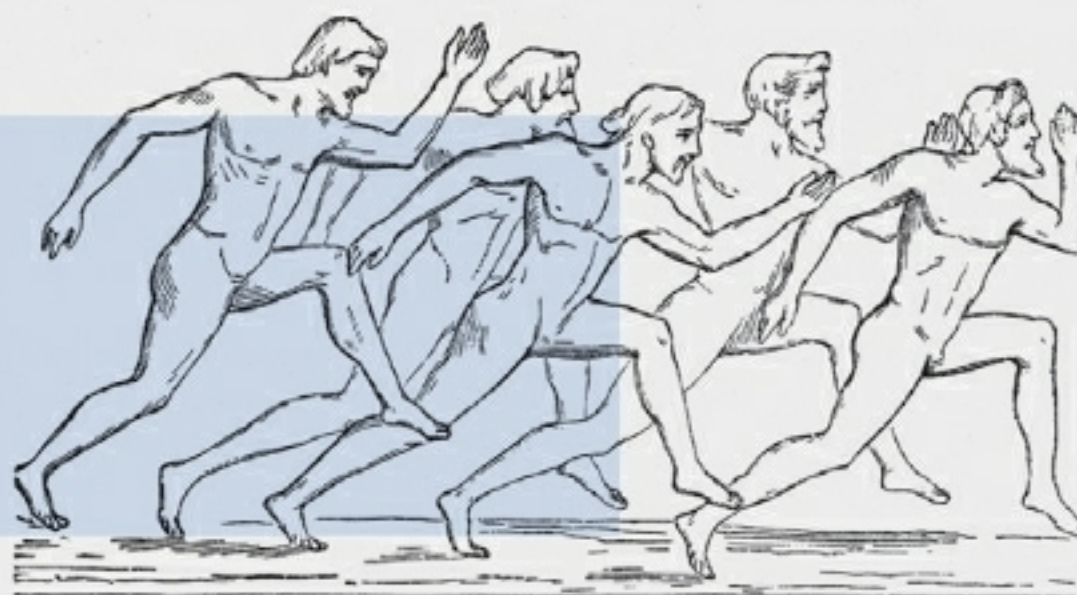
DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE

Foram realizados 293 Jogos Olímpicos na Antiguidade, desde 776 a.C. Após esse parêntese milenar, a primeira Olimpíada oficial da era moderna foi realizada em 1896 (com 295 atletas de 13 países), na mesma cidade de Atenas, na Grécia (onde se voltou a disputar os Jogos em 2004, com 10.625 atletas de 201 países). Assim, por 1500 anos os Jogos Olímpicos ficaram adormecidos no mundo, inclusive na própria Grécia. Sua ressurreição já na chamada Era Moderna se deve aos esforços do pedagogo de profissão e esportista de coração, o francês Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin.

AS 10 MODALIDADES DA ANTIGUIDADE

1 CORRIDA

Nas primeiras 13 edições (até 728 a.C.), foi a única competição disputada. A corrida era o mais nobre dos esportes olímpicos da Antiguidade. Os atletas corriam nus dentro do estádio de Olímpia, que tinha formato de U e capacidade para 45 mil pessoas.



2 SALTO EM DISTÂNCIA

Prova muito charmosa (disputada ao som de flautas) e muito mais difícil do que na atualidade (os atletas competiam carregando halteres – barras com peso – nas mãos).



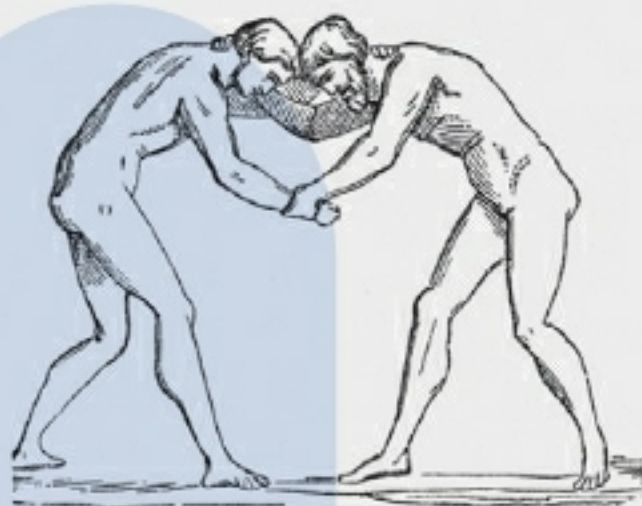
3 PUGILISMO

Hoje popularmente chamado boxe, é um dos esportes mais antigos do planeta, representado pela figura de duas crianças num mural em Thera.



4 PANCRÁCIO

Mistura de boxe e luta livre, na primeira vez em que foi disputado, o vencedor morreu estrangulado por seu oponente. Apesar disso (ou por isso) era considerado um dos mais dignos esportes da Antiguidade.



5 PENTATLO

De acordo com a mitologia, o inventor desta especialidade foi Jasão. Combinava cinco esportes (corrida, arremesso de disco, luta livre, salto em distância e lançamento de dardo).





6 ARREMESSO DE DISCO

Homero fala dele, pois era um esporte muito apreciado pelos gregos. Naquele tempo, já era uma modalidade muito parecida com o que é hoje. Inspirado nela, o escultor Myron criou uma das mais famosas obras de arte da Antiguidade, o *Arremessador de Discos*.



7 LUTA LIVRE

Também foi citada pela primeira vez em um poema de Homero, e a luta atual mudou muito pouco em relação ao seu espírito inicial.

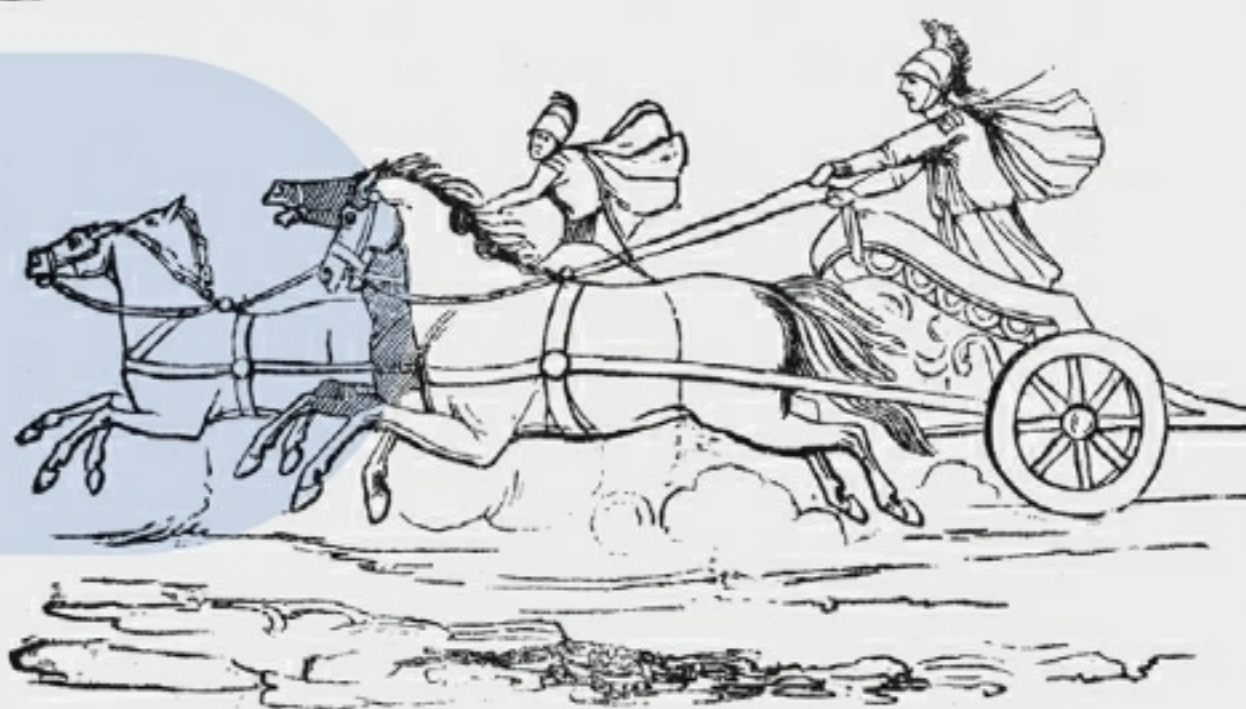


8 LANÇAMENTO DE DARTO

Diferenciado em *ekebolon*, no qual era avaliada a distância alcançada pelo arremesso, e *stochastikon*, quando o dardo tem de atingir um determinado alvo, era muito praticado pelos heróis da mitologia grega. (*ekebolon* e *stochastikon* são palavras do grego antigo que não possuem tradução direta atual)

9 CORRIDA DE BIGAS

Nela, os cavalos puxavam uma pequena charrete com um ou dois competidores. Era uma disputa clássica, mas o filme épico *Ben-Hur*, de 1959, a imortalizou com uma aura de barbarismo e heroicidade inigualáveis para qualquer outra competição.



10 CORRIDA DE CAVALOS

Menos importante para a época, porque mulheres também praticavam (há quem diga que só no Heraea – suas olimpíadas, mas pode ser que não). De qualquer modo, era um esporte aristocrático, tanto quanto o turfe nos tempos modernos, e, como ele, também disputado em hipódromos e com várias modalidades.

RENASCIMENTO OLÍMPICO

SÓ OS ARISTOCRATAS ESTIVERAM NA PRIMEIRA EDIÇÃO MODERNA DOS JOGOS. ENTRE ELES, O BARÃO FRANCÊS QUE FUGIU DO SACERDÓCIO, IDEALIZOU A RETOMADA E FOI INDICADO PARA UM PRÊMIO NOBEL

POR BIA MENDES



Pierre de Coubertin poderia ter sido padre, militar ou simplesmente flunar pelo mundo em busca de aventuras.

Era um homem rico. Mas, ao fugir dos desígnios do pai, foi escrever sua própria história. Uma história que alterou o percurso do mundo moderno. No dia 15 de abril de 1896, em Atenas, o coração de Coubertin batia mais forte, conforme o barulho da multidão aumentava. Era a torcida ovacionando seus heróis da maratona, a última competição dos Primeiros Jogos da era moderna. Ao fim do evento, Pierre saiu do estádio sem ser percebido. Não havia tido as glórias que merecia. Mas, finalmente, seu sonho se tornava realidade: os Jogos Olímpicos haviam voltado.

O BARÃO

Pierre de Frédy nasceu em Paris, no dia 1º de janeiro de 1863, em uma família aristocrática, descendente de Fernando III de Castela. A família recebeu o título de nobreza do rei Luís XI, e adotou o nome da cidade de Coubertin depois de receber a honraria. Seu pai, o barão Charles-Louis, era um artista plástico reconhecido na cidade, e como tinha fortuna doava à caridade o que recebia como pagamento pela sua arte. Homem de pensamento e atitudes conservadoras, cultivava as tradições e sonhava em ver a monarquia restabelecida na França.

A mãe de Pierre, Agathe, era muito católica, e fez da religião uma ocupação, sempre trabalhando para a caridade. Pierre tinha dois irmãos mais velhos e uma irmã mais nova. Todos se dedicaram às atividades comuns orientadas para os jovens de famílias aristocráticas. Um irmão era poeta; o outro, militar. E a irmã se preparou para ser uma boa esposa e mãe.

Aos 11 anos, Pierre, uma criança de pouca estatura para a idade, foi matriculado num colégio jesuíta, e seus pais esperavam que a atmosfera religiosa da escola levasse o filho a seguir o sacerdócio. Era muito inteligente, se destacava entre os melhores da sala. Gostava de ler, era rápido no raciocínio, esperto nos argumentos e bastante diplomático. Aprendeu cedo que, em-

bora na sua casa e no seu país se valorizassem o pensamento crítico e as ações, teria que ter cuidado com o que dizia e como agia. Principalmente com seus pais, ultraconservadores. Por isso, escondeu deles que, entre outros esportes mais nobres, lutava boxe. Não era algo adequado para um aristocrata.

Em suas aulas de História, interessou-se pela Inglaterra e seus costumes. Descobriu que nas escolas inglesas as crianças praticavam esportes e aprendiam assim a ganhar e a perder. E também soube que os ingleses haviam derrotado os franceses e seu general, Napoleão Bonaparte, na Batalha de Waterloo. Concluiu que a prática do esporte e o espírito esportivo podem ter feito a diferença para os ingleses vencerem esse combate. Daí nasceu o desejo de também fazer diferença para seu país. Seria por meio do esporte.

OBJETIVO

Aos 20 anos, Pierre decidiu viajar pelo mundo e conhecer os lugares que só via nos livros. Seu primeiro destino seria naturalmente a Inglaterra, onde encontrou gente importante e rica. Frequentou escolas, praticou esporte e conheceu a história de um certo doutor W.P. Brookes, que realizava competições no campo, nos moldes de uma Olimpíada. Brookes teria recebido do rei da Grécia uma urna de prata para dar ao vencedor de uma das modalidades, o pentatlo. Essas competições fizeram germinar o pensamento da união entre povos por meio do esporte na mente do jovem barão.

Em 1884, cansado da indefinição do filho, Charles o mandou para a Universidade Sorbonne, cursar direito. Lá, Pierre se interessou por História grega e romana. Conheceu pessoas influentes, que mais tarde o ajudariam a realizar o sonho dos Jogos Olímpicos. Em 1885, abandonou o direito e foi cursar ciências políticas em outra universidade, onde achava que poderia se engajar mais sobre os serviços públicos e fazer parte deles. Começou a escrever artigos e fazer palestras sobre a importância do esporte na educação. Ao voltar de mais uma viagem à Inglaterra, recebeu de um ministro ►



A primeira reunião do COI, organizada para os Jogos Olímpicos de 1896, agrupou, da esquerda para a direita, Willibald Gebhardt, da Alemanha; Barão de Coubertin, da França; Jiri Guth, da Boêmia; Dimitrios Vikelas, da Grécia; Ferenc Kemey, da Hungria; Aleksei Butovksy, da Rússia; e Viktor Balck, da Suécia (criador dos Jogos de Inverno)

francês uma grande missão: encontrar formas de melhorar a educação no país.

O interesse pelo esporte e a crença de que o desenvolvimento físico tinha que acompanhar o intelectual na escola faziam com que Pierre desejasse cada vez mais implementar o esporte nas salas de aula de seu país. Para discutir o tema e uniformizar a prática do esporte na França, criou em 1887 um comitê, o *Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques* (U.S.F.S.A.) e aproveitou as viagens que fez pelo mundo, conhecendo escolas e a educação praticada, para entender o papel do esporte em cada país. Ao perceber as diferenças, começou a conceber a ideia de que um encontro entre nações que disputassem diversas modalidades de esporte poderia ser um evento muito interessante e apropriado, num momento em que o mundo começava a viver uma onda conhecida como internacionalismo. O esporte seria

uma forma de fazer com que diversos atletas de diversos países se encontrassem, num ambiente de amizade e companheirismo.

Em 1888, a descoberta arqueológica de Olímpia, que foi acompanhada por outras escavações na Grécia e na Ásia Menor, motivou as ideias de Coubertin. Olímpia e os Jogos de então eram para ele o símbolo dos esportes e da união dos povos. O barão registrou: “Olímpia simboliza uma civilização inteira, superior nas cidades, nos heróis militares e nas religiões antigas”, segundo a escritora Davida Krysti, autora de *Coubertin's Olympics*. Ele se apoiaria nisso para defender o movimento esportivo mundial.

PLANOS

Coubertin visitou os Estados Unidos e lá conheceu o professor dr. William Milligan Sloane, que o ajudou a elaborar os planos de restaurar os Jogos Olímpicos, com base nos Jogos da Antiguidade, na Grécia. Em 1894, realizou um encontro internacional na Sorbonne, o “Congresso Internacional de Amadores”, cujo objetivo real era discutir a volta dos Jogos. Desse congresso, dois comitês foram formados. Um para discussão do esporte amador, logo extinto, e o outro para os Jogos Olímpicos, formado por cinco membros: Demetrius Bikelas, da Grécia; Viktor Balck, da Suécia (criador dos Jogos de Inverno); Charles Herbert, da Inglaterra; William Milligan Sloane, dos EUA; e Pierre de Coubertin, da França.

Esse grupo deu andamento à proposta do barão: fundaram o Comitê Olímpico Internacional (COI) e definiram o ideal olímpico e suas regras. Bikelas seria o primeiro presidente do COI, e Coubertin, o secretário-geral. O barão desejava que os Jogos modernos estresassem em Paris, em 1900, na *Exposição Universal*. Mas o comitê decidiu que o primeiro evento da era moderna seria em Atenas, na Grécia, em 1896. E, como na Antiguidade, seriam realizados a cada quatro anos. O sonho do barão se transformava em realidade: os Jogos Olímpicos renasciam, 1500 anos depois, na mesma Grécia.

COM A MISSÃO DE MELHORAR A EDUCAÇÃO NA FRANÇA, O BARÃO CRIOU UM COMITÊ PARA INCLUIR O ESPORTE NAS SALAS DE AULA

TEMPOS DIFÍCEIS

Nos anos que precederam a realização dos primeiros Jogos, Pierre ficou noivo de Marie Rotherthan, uma moça apoiadora de suas ideias. Mas antes que pudesse pensar no casamento teve que contornar um grave problema: a Grécia não tinha dinheiro para realizar os Jogos. O barão, então, foi até lá e convenceu o príncipe regente Constantine, filho do rei George, da importância da empreitada. Conseguiu, assim, as doações necessárias. Os Jogos estavam assegurados. Pierre e Marie se casaram. Antes da lua de mel, foram ver os Jogos de Atenas. O nome de Pierre estava na lista de convidados, mas não como secretário do COI, idealizador ou pai dos Jogos Olímpicos modernos. Constava somente como “Jornalista Pierre de Coubertin”.

Os Jogos de estreia da era moderna foram um sucesso. Mesmo sem reconhecimento, o Barão de Coubertin se sentiu realizado. Logo Marie engravidou. De volta à França, Coubertin se apressou a cuidar dos preparativos para os Jogos de 1900, em Paris. O filho nasceu, mas com 1 ano sofreu um acidente que deixaria sequelas irreversíveis em seu cérebro. Marie nunca mais seria a mesma. Nem a família.

Pierre assumiu a presidência do COI após os Jogos de Atenas. Enfrentaria antagonismos para configurar os Jogos Olímpicos de Paris. Realizou um papel menor durante toda a organização, não se sabe se pelos problemas pessoais com o filho ou pela decepção em Atenas. O evento frustrou as expectativas, além de ser ofuscado pela *Exposição Universal*. Ele seria novamente esquecido, mas agora em seu próprio país. Havia oferecido um presente maravilhoso para a França e ninguém sequer reconheceu seu feito. Mas o que contava era que os Jogos estavam finalmente estabelecidos.

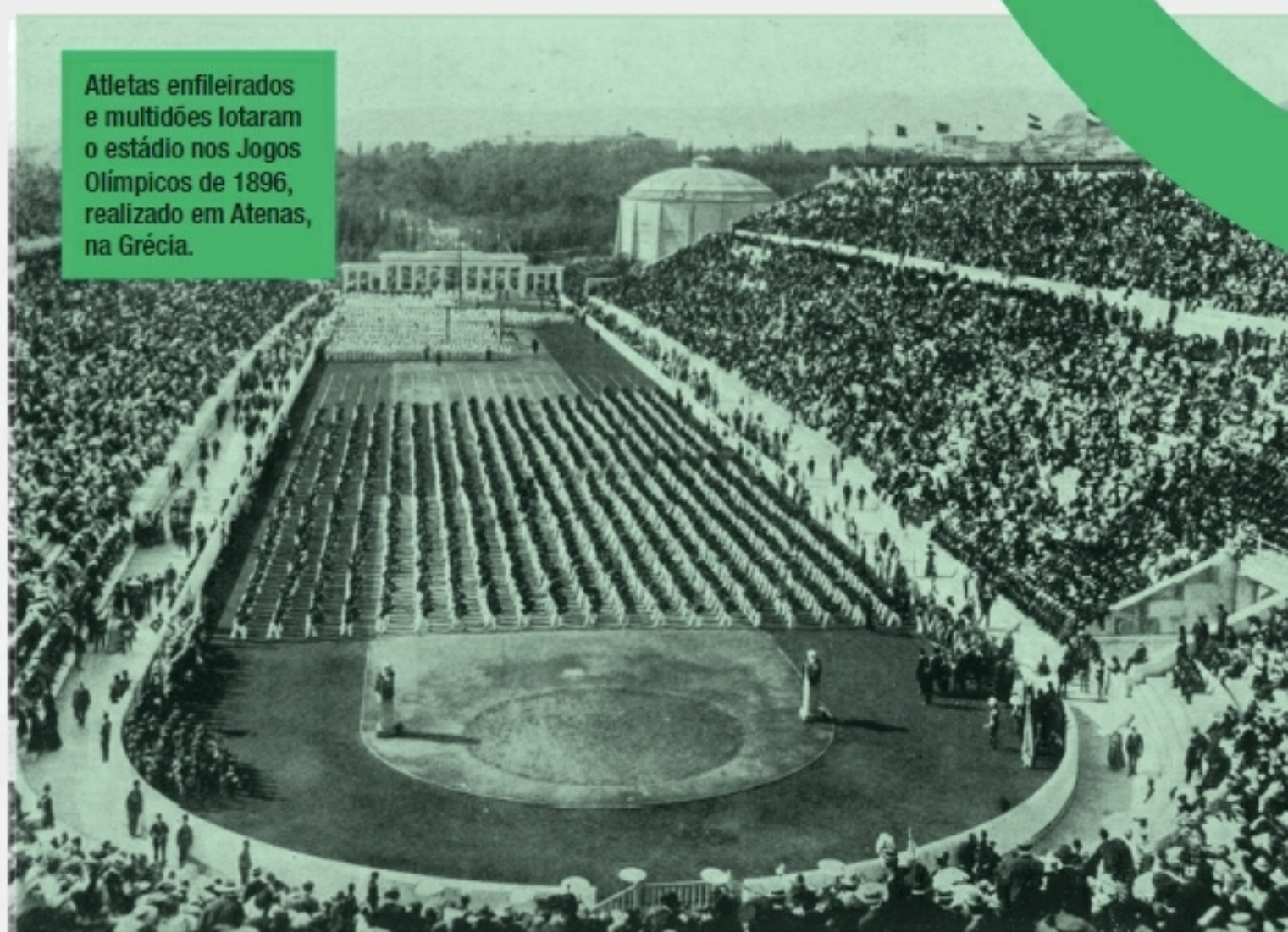
Seus Jogos Olímpicos modernos seriam reconhecidos como a expressão mais elevada do esporte em nível mundial dali para a frente, sendo interrompidos até hoje somente durante os períodos da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, além do atraso de um ano devido à pandemia de coronavírus.

COUBERTIN SE SENTIU REALIZADO COM OS JOGOS DE ESTREIA DA ERA MODERNA. NO ENTANTO, FOI OFUSCADO EM SEU PRÓPRIO PAÍS

RECONHECIMENTO

Pierre de Coubertin continuou a trabalhar com interesse e empenho em cada edição de que fazia parte. Ele presidiu o COI por 29 anos, de 1896 a 1925, e foi presidente honorário até sua morte, em 1937. Muita coisa mudou nas regras e nos eventos olímpicos que ele propôs, o que lhe desagradava.

Ainda que tardios, teve seus momentos de glória e reconhecimento. Chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz, mas não ganhou, principalmente porque tinha o apoio de Adolf Hitler. Gastou quase todo seu dinheiro com o sonho das Olimpíadas. Morreu sozinho e pobre aos 74 anos, em Genebra, na Suíça. Foi enterrado em Lausanne, sede do COI, e seu coração está sepultado num monumento na cidade de Olímpia, na Grécia, onde é reconhecido como o pai dos Jogos modernos. **AH**



A SAGA

DAS

ATLETAS

OLÍMPICAS

ESPORTISTAS DO GÊNERO
FEMININO SUPERARAM
GRADUALMENTE BARREIRAS
MORAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS
PARA CONSEGUIREM
PARTICIPAR DAS OLIMPIADAS
ATÉ ALCANÇAREM A
IGUALDADE EM PARIS 2024

POR RAPHAELA DE CAMPOS MELLO

O que querem as mulheres? O que podem e não podem? A Modernidade decretou uma série de interdições ao desejo e à capacidade feminina para muitas coisas, incluindo a aptidão para a atividade física. No entanto, a arte que sobreviveu à destruição do tempo e dos homens é prova irrefutável de que, na Antiguidade, as mulheres eram bem-vindas nos esportes. Lá estão elas, representadas em afrescos e cerâmicas, com seus corpos em movimento, em jogos, ginásticas, dança, natação, lutas, entre outras atividades eternizadas, por exemplo, na tumba egípcia de Beni-Hassan.



Egito, Mesopotâmia, China e Índia guardam a memória dessa época. E também a Grécia. A pátria dos grandes pensadores e das Olimpíadas viu se destacarem nomes femininos na política, literatura, artes, filosofia, ciências e nos esportes. “Há pinturas e objetos que comprovam a participação das mulheres em competições com os homens, pois o esporte era parte da educação de meninas e mulheres, sobretudo em Esparta, onde tinham maior liberdade e praticavam exercícios físicos vigorosos, com fins militares, ao lado de meninos e homens”, afirma Fabiano Pries Deive, professor associado do Instituto de Educação Física da Universidade Federal

Fluminense (IEF-UFF), líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física (GREGEF-CNPq) e autor do livro *Gênero e Mulheres no Esporte – História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos* (Unijuí).

Com ainda maior desenvoltura, elas aprimoravam suas habilidades desportivas em Creta, cuja sociedade matriarcal é considerada o berço da cultura física de meninas e mulheres. Lá elas corriam, arremessavam peso, conduziam carruagens, lutavam e dançavam. Participavam, inclusive, de touradas e eventos hípicas. Durante os períodos Helênico e Romano, eram presença certa nos Jogos Pan-Helênicos. Contudo, em ►

776 a.C., foi criado, no santuário de Olímpia, um festival religioso e atlético em honra a Zeus, que se realizaria dali por diante de quatro em quatro anos. Era o início dos Jogos Olímpicos Antigos, que perduraram até o ano 393, quando o imperador cristão Teodósio I resolveu extingui-los por ver neles relação direta com o paganismo.

Durante esse longo período, só os homens estavam autorizados a tomar parte nas competições. As mulheres foram proibidas tanto de assistir quanto de competir. Aquelas que infringissem a regra eram condenadas à morte. Mas a interdição não seria aceita sem qualquer tipo de revide. Ao pé do Monte Cronion foram organizados os Jogos Heranos, em honra à deusa Hera, esposa de Zeus. Devida conta que, nesses jogos exclusivos às mulheres de diferentes cidades gregas, 16 sacerdotisas de Elis organizavam o evento, que contemplava apenas uma prova de corrida de 160 metros. As corredoras eram divididas em três faixas de idade. A vencedora recebia uma coroa de oliveiras e a permissão de dedicar uma placa repre-

sentando-a, a ser colocada no templo de Hera. “Os homens não podiam assistir ao evento, apenas mulheres e meninos jovens”, frisa.

A segregação por gênero permaneceu como um critério válido quando, no final do século 19, o Barão Pierre de Coubertin (1863-1937) vislumbrou o renascimento da tradição iniciada em 776 a.C. Ele havia sido incumbido pelo governo francês de criar um novo modelo educacional para o país e, inspirado no renascimento da cultura helênica na Europa, associou o movimento olímpico aos propósitos educacionais e pedagógicos. Num momento em que os nacionalismos se acirravam, na proposta do aristocrata prevalecia o caráter internacionalista que agregava atletas de diferentes países com o intuito não só de promover o desenvolvimento físico, mas também o intelectual, a excelência, a paz e o *fair play*, ou seja, a conduta ética e moral lícita.

PROIBIDAS DE JOGAR E ASSISTIR, ELAS CRIARAM OS JOGOS HERANOS, EM HONRA À DEUSA HERA

O ARGUMENTO BIOLÓGICO

Graças aos esforços de Coubertin, os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna foram realizados em abril de 1896, em Atenas, na Grécia, com a participação exclusiva de atletas do gênero masculino. Mesmo assim, jornais da época reportaram que uma mulher, Stamata Revithi, também conhecida como Melpomeni e moradora dos Pirineus, participou extraoficialmente da prova da maratona. A intrusa foi a nota dissonante e, por isso mesmo, não passou despercebida, como a imprensa deu nota.

A justificativa para excluir esportistas mulheres tinha um respaldo difícil de ser contestado: o discurso médico e “científico” da época. De acordo com tal perspectiva, as práticas desportivas poderiam gerar consequências nocivas aos corpos femininos, uma vez que eles deveriam ter como prioridade a maternidade e não

os louros do pódio. Os dirigentes diziam que os treinamentos e as disputas eram agressivos para a biologia das mulheres, podendo até comprometer ór-

gãos internos necessários à gestação.

Tal qual na Grécia Antiga, Coubertin desejava que a reedição comportasse apenas esportistas homens por serem, em seu entender, “heróis” de vigor físico inigualável e, portanto, aptos às distintas modalidades em disputa. Já as mulheres, bem: “A glória de uma mulher viria através do número e da qualidade dos filhos que produzisse. Até onde concerne o esporte, o papel da mulher é de encorajar seus filhos para vencer. A ela não cabe bater recordes”, ele defendia. O espírito dos jogos, segundo o barão, relegaria ao feminino uma posição, digamos, nutridora. “A manifestação periódica solene de esporte masculino baseado no internacionalismo, na lealdade como meio, na arte como conhecimento básico e no aplauso das mulheres como recompensa”, postulou.

Logo após ter angariado o apoio do papa ►



Desenho em vaso de barro da civilização grega mostra jovem mulher em corrida de bigas



Escultura de bronze do século 6 a.C. revela uma atleta espartana em movimento de corrida



A atleta grega Atalanta era conhecida por sua igualdade com os homens quando se tratava de caça ou de realizações atléticas



Arte romana conhecida como *Mosaico das Dez Meninas* representa uma série de mulheres atletas da Antiguidade

Pio XI, que havia enfaticamente condenando a prática de esportes pelas mulheres, o francês ainda vaticinou: “Olimpíada feminina seria impraticável, desinteressante, antiestética e incorreta”. “Assistimos a um determinismo biológico, que se pauta na anatomia dos corpos, para justificar desigualdades de gênero, excluindo historicamente as mulheres de diversas práticas corporais, representadas pelos esportes presentes no programa olímpico”, afirma Devidé. Como ele lembra, a suposta “missão materna” era tida como destino obrigatório de toda mulher até a primeira metade do século 20.

Entretanto, o raiar de um novo tempo se apresentava. E o ano de 1900, tremeluzindo de excitação por todo o progresso que as décadas vindouras reservariam aos seus viventes, trazia novidades palpitantes, especialmente para as atletas. O século 19 exalava o odor das coisas velhas e, na nascente de uma era sedenta por avanços em todas as áreas, as mulheres não poderiam ser novamente limadas do êxtase olímpico.

FEMINISTAS EM ALERTA

A pressão exercida pelos movimentos a favor da emancipação feminina conseguiu destrancar os portais de acesso às Olimpíadas. Então, nos Jogos Olímpicos de Verão de Paris, transcorridos entre 14 de maio e 28 de outubro de 1900, as mulheres voltaram a ocupar a arena desportiva. Com muito custo, Coubertin liberou a elas somente as modalidades consideradas por ele menos extenuantes e mais agradáveis aos olhos: o tênis, o golfe e o arco e flecha. Somente na quarta edição, em Londres, em 1908, as mulheres puderam participar da ginástica e do iatismo, passando de 17 inscritas, em 1900, para 36, em 1908. Em Estocolmo, na quinta edição dos Jogos, as mulheres participaram do programa de natação, totalizando 57 representantes do gênero feminino no evento. Após o intervalo

ocorrido em decorrência da Primeira Guerra Mundial, o número de modalidades que aceitavam mulheres continuou aumentando.

Contudo, uma modalidade específica atravancou a escalada feminina. Para a Associação Internacional de Federações de Atletismo, as mulheres estavam proibidas nesse esporte. Além da polêmica e das pressões por parte de grupos organizados, o veto desencadeou a inauguração de duas entidades fundamentais para a inserção das mulheres no movimento olímpico: a Federação Esportiva Francesa Feminina, em 1917, por Alice Milliat, uma liderança no atletismo; e a Federação Esportiva Feminina Internacional, em 1921. “A resistência em inserir as mulheres no programa de atletismo dos Jogos Olímpicos também colaborou para que fossem organizados, em 1922, os I Jogos Olímpicos Femininos, em Paris, com mais de 20 mil espectadores e

atletas de 30 países. O evento foi reeditado a cada quatro anos, até 1934, no mesmo formato dos Jogos Olímpicos Modernos, organizados pelo Comitê

EM 1900, COM MUITO CUSTO, COUBERTIN LIBEROU A ELAS APENAS TRÊS MODALIDADES

Olímpico Internacional (COI)”, diz.

O sucesso da iniciativa e seu alcance levaram o COI e a Associação Internacional de Federações de Atletismo a reverem seus princípios. Resultado: nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928, as mulheres puderam competir nas provas de atletismo. Porém, o programa se restringiu a cinco disputas. E, se não bastasse, ainda houve uma grande polêmica nos 800 metros rasos. Com exceção das três primeiras colocadas, as demais competidoras não conseguiram parar em pé após terem cruzado a linha de chegada. Exaustas, deitaram-se no chão. O quadro de cansaço extremo após a prova gerou alarde na mídia e ainda recebeu o aval do discurso médico, que condenou a participação de mulheres em provas longas, sobretudo, no atletismo, reacendendo o debate acerca da biologia feminina. Por esse motivo, nas Olimpíadas ►



Alice-Milliat,
liderança
na inserção
feminina no
atletismo



Nos Jogos de Amsterdã, em 1928, as mulheres puderam competir nas provas de atletismo. Myrtle Cook (à esquerda), do Canadá, levou ouro; Miss Wilson, da Nova Zelândia (à direita), prata; e Miss Horst, da Holanda (centro), bronze



Mulheres arqueiras participam dos Jogos de Londres, em 1908. A atleta Sybil 'Queenie' Newall, da Grã-Bretanha, leva ouro

de Los Angeles, em 1932, o programa foi revisado e a prova dos 800 metros rasos suprimida. A proibição perdurou até 1960.

De entrave em entrave, as atletas olímpicas persistiram. “Ao longo do século 20, manteve-se a paulatina inserção das mulheres num número cada vez maior de modalidades, mas ainda sem igualdade com os homens. Nos Jogos Olímpicos Centenários, em Atlanta, 1996, 3.626 mulheres representaram 169 países, totalizando 34,2% do total de atletas no evento, disputando 21 modalidades”, pontua Devede.

IGUALDADE DE GÊNERO

Se nos Jogos Olímpicos de Paris, realizados em 1900, mulheres como a tenista Charlotte Cooper (*leia mais no boxe da página 35*) eram minoria absoluta, a competição de 2024 terá a maior participação feminina em cem anos.

Para se ter ideia, em 1924, também em Paris, apenas 135 mulheres entre 3.089 atletas puderam representar seus países no maior evento espor-

tivo do planeta. Depois de décadas de luta por direitos sociais, políticos e reprodutivos, e mais de um século da criação do Dia Internacional das Mulheres, o Comitê Olímpico Internacional anunciou que, pela primeira vez na história das Olimpíadas, haverá igualdade total de gêneros nas cotas de vagas para Paris 2024. Funcionará assim: 28 das 32 modalidades do programa vão incluir os dois gêneros. Dentre os eventos com medalhas, 152 serão femininos, 157 masculinos e 20 mistos. Ou seja, mais da metade de todas as provas contará com a participação das mulheres.

Os movimentos feministas no mundo e no esporte, incluindo a participação cada vez mais significativa de mulheres no Movimento Olímpico, fez com que o número das atletas nas competições aumentasse gradualmente, até atingir picos de crescimento em Los Angeles

1984, com 23%, seguido por 44% em Londres 2012, e 48% em Tóquio 2020, até chegar à tão esperada proporção de 50/50 em 2024, de acordo com dados do COI. Inclusive, a representação feminina no Conselho Executivo da entidade aumentou em 6,7% com a Agenda Olímpica de Tóquio 2020, e desde 2022, 50% dos cargos de membros das comissões do Comitê são ocupados por mulheres.

“A presença paulatina de mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos, não somente enquanto atletas, mas como jornalistas, dirigentes, treinadoras, psicólogas, entre outras funções, modificou as representações sobre as mulheres no esporte, reconhecendo suas potencialidades atléticas, em lugar de enaltecer sua beleza ou graciosidade. A inserção delas no esporte tanto modifica a sua representação na sociedade, quanto a sua inserção em espaços sociais de

reserva masculina na sociedade modifica positivamente a sua inserção e permanência no esporte. É uma via de mão dupla”, opina.

Séculos de história política, cultural e social inflam as expectativas para os Jogos de Paris 2024. A pátria de grandes filósofos e filósofas, que se orgulha dos avanços ligados ao pensamento e ao comportamento de seu povo, tem agora o desafio de mostrar ao mundo que evoluiu também na arena esportiva. “Espera-se que a França, berço do movimento feminista, ofereça uma edição dos Jogos Olímpicos exemplar no que tange à igualdade e à equidade de gênero no esporte, o que ultrapassa a simples igualdade percentual de homens e mulheres atletas, dado geralmente utilizado para afirmar que os Jogos Olímpicos estão mais igualitários. Pois, enquanto essa igualdade não ocorrer na direção, gestão, treinamento, jornalismo e manutenção da permissão de atletas trans, a suposta igualdade ainda estará longe do nosso horizonte”, avalia o docente. Agora só nos resta aguardar a largada.

A LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO DEVE SEGUIR ATÉ OCORRER EM TODAS AS ÁREAS DO EVENTO

O BRILHO DE CHARLOTTE COOPER

Dentre as competidoras dos Jogos Olímpicos de 1900 estava a tenista inglesa Charlotte Cooper, então, tricampeã em Wimbledon. Ela foi uma das primeiras mulheres a brilhar na prestigiosa competição, criada em 1877. Porém, tenistas do gênero feminino só foram aceitas a partir de 1884. No ano seguinte, Chattie, como era chamada pelos mais chegados, levava o primeiro lugar no pódio. Tinha 24 para 25 anos.


Alta e muito elegante, ela se preocupava em acompanhar a moda e cuidar da aparência. Como era de bom tom em plena Era Vitoriana, submetida a incisivos condicionamentos morais, Chattie ia para as quadras trajando saia longa o bastante para cobrir os tornozelos, a cintura acentuada, camisa de manga comprida com punhos e colarinhos engomados e sapatos lustrosos. Os cabelos se enrodilhavam num coque no topo da cabeça, como uma pequena coroa. Para arrematar, gravata. Bem ao estilo da *Belle Époque*, como ficou conhecida a virada do século 19 para o 20.

Vencedora nata – que aprendeu a jogar tênis com a irmã –, chegou à final feminina em Paris e derrotou a francesa Hélène Prévost, tornando-se a primeira mulher a ganhar, individualmente, uma disputa olímpica. É importante ressaltar que a condessa suíça Hélène de Pourtalès havia sido campeã antes de Charlotte, no mesmo evento.

Porém, diferentemente da inglesa, ela não disputou na vela sozinha, mas ao lado de seu marido e de um sobrinho. Além disso, Cooper ainda ganhou o título misto com Reggie Doherty. Como muitos dos vencedores em 1900, ela recebeu um troféu no lugar da medalha. É que esta – de ouro, prata e bronze – só foi concedida retroativamente pelo Comitê Olímpico Internacional, pois, na época, não era a praxe.

Naquele tempo ninguém esperava que uma tenista sacasse por cima da cabeça. Muito menos que despejasse na bola uma agressividade descomunal, como era o caso de Charlotte. Com o mesmo arroubo, ela avançava à rede para definir uma jogada, o chamado voleio. “Na rede, a srta. Cooper rapidamente começou a se provar tão formidável quanto a maioria dos homens e certamente superior a muitos”, reconheceu o jornalista especializado em tênis, Arthur Wallis, no livro *Lawn Tennis at Home and Abroad*. Os entendidos do esporte também elogiavam sua firmeza, temperamento balanceado e sua grande habilidade tática.

Nascida em 1870, em Ealing, então, uma vila rural nas cercanias de Londres, Charlotte Cooper se casou no ano seguinte ao feito, em Paris, com o advogado Alfred Sterry, seis anos mais jovem do que ela. Dali em diante, continuou a competir em torneios de tênis, mas como Charlotte Sterry. Teve dois filhos. Rex, nascido em 1903, por muitos anos membro do comitê do All



A primeira mulher a ganhar, individualmente, uma disputa olímpica

England Club em Wimbledon, e Gwyneth, nascida em 1905, que também passou a competir no renomado campeonato e representou a Grã-Bretanha na Copa Wightman. Portanto, quando Charlotte venceu em Wimbledon pela quinta vez, já era mãe de duas crianças. Nessa última conquista, ela tinha 37 anos e 296 dias, o que fez dela a mais velha vencedora do torneio de simples feminino.

Ela competiu nas finais femininas do renomado torneio até 1919 e, depois de se aposentar, acompanhou de perto o esporte que tanto amava. Mesmo com uma considerável perda na visão, ia à quadra torcer pelas novas gerações. Os mais próximos asseguram que até o último instante de seus 96 anos de vida a recordação de cada pódio manteve-se afiada em sua mente como um ace.

PIONEIRAS DO ESPORTE NACIONAL

A bandeira brasileira desfilou pela primeira vez num estádio olímpico em 1920, na Antuérpia, Bélgica. A delegação tinha 21 atletas, todos homens. Somente 12 anos depois uma mulher se uniu à comitiva de 82 atletas que partiu rumo às Olimpíadas de Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1932, a bordo do navio Itaquicê – a viagem até lá durou 27 longos dias.

Com a autorização de sua família, a nadadora paulista de ascendência alemã Maria Emma Lenk tornou-se a primeira atleta a competir pelo Brasil, e também a única sul-americana na disputa até então. Ela tinha apenas 17 anos. Quatro anos depois, nos Jogos Olímpicos de Berlim, Alemanha, novamente mostrou suas habilidades na piscina, embora tenha aprendido a nadar no límpido Rio Tietê, na capital paulista, por iniciativa do pai, professor de educação física. Ele a prendia por uma vara de alumínio amarrada pela cintura e, assim, dava-lhe as instruções. Também queria fortalecer os pulmões da menina de 10 anos, sobrevivente de uma pneumonia dupla.

A participação de Maria Lenk em sua estreia olímpica foi tímida. Ficou em 20º nos 100 metros livre, foi desclassificada nos 100 metros costas e ficou em 11º lugar nos 200 metros peito. Suas adversá-

rias eram mulheres que lutavam por cidadania há mais tempo e isso se refletia em maior participação no esporte. Em Berlim, ela teve problemas no ombro e ficou apenas na 13ª posição nos 200 metros peito. E, quando estava no auge de sua carreira, foi uma das atletas mais prejudicadas pelo cancelamento dos Jogos de 1940 e 1944 por causa da Segunda Guerra Mundial.

Em 2002, depois de acumular medalhas e recordes em diversas competições nacionais e internacionais, a nadadora recebeu o Colar Olímpico, tornando-se a primeira brasileira a ser condecorada com a mais alta honraria do Comitê Olímpico Internacional. Ela faleceu aos 92 anos, enquanto nadava. Seu legado serviu de estímulo para que milhares de meninas no Brasil inteiro comessem a praticar esportes. E sua dedicação à carreira esportiva não a impediu de ter tido filhos e netos.

Assim como Maria Lenk, outras mulheres tiveram a experiência de ser a única representante do gênero feminino numa delegação olímpica: Mary Dalva Proença, que disputou nos saltos ornamentais em Melbourne, em 1956; Wanda dos Santos pelo atletismo nos Jogos de Roma, em 1960; Aida dos Santos, também pelo atletismo em Tóquio, 1964.



Wanda dos Santos nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952

É preciso lembrar que a lei se colocava como um empecilho para as brasileiras com aspirações esportivas. Segundo o artigo 54 do Decreto-lei nº 3.199, publicado em 14 de abril de 1941, “às mulheres não se permitirá a prática de esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para esse efeito, o Conselho Nacional de Esportes baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

A participação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos começou a aumentar a partir dos anos 1980. O vôlei, o basquete e o handebol foram os responsáveis por esse avanço. Depois o futebol, o judô e o salto com vara. Em 1991, o COI determinou que todos os novos esportes a serem incluídos nos Jogos precisariam obrigatoriamente ter participação feminina. Em 1996, as Olimpíadas de Atlanta cravaram o marco

A nadadora paulista Maria Emma Lenk, em 1932



Aída dos Santos nos Jogos de Tóquio, em 1964



histórico da representatividade das mulheres no evento.

Até que vieram as primeiras medalhas olímpicas de mulheres brasileiras na história: ouro e prata nas duplas do vôlei de praia, respectivamente Jackie Silva e Sandra Pires, Adriana Samuel e Mônica Rodrigues; prata pelo basquete; bronze pelo vôlei de quadra nos Jogos de Atlanta, em 1996, ou seja, 64 anos após o debut de Maria Lenk.

Grande parte dessa escalada se deve à persistência, à garra e aos sacrifícios individuais de cada esportista. Como observa a pesquisadora Katia Rubio no livro *As Mulheres e o Esporte Olímpico Brasileiro* (Casa do Psicólogo),

nossas atletas foram conquistando pouco a pouco espaço no mundo do esporte sem contarem necessariamente com apoio institucional ou políticas públicas voltadas ao desenvolvimento de talentos na área. “Essa constatação reforça a multiplicidade de fatores que contribuem para o surgimento e manutenção de ícones do esporte feminino, fatores que vão dos meios de comunicação, à indústria da moda, passando pela opção de patrocinadores por mulheres com perfis específicos relacionados à beleza, força ou outro atributo afirmativo”. Para ela, isso reflete a luta das mulheres por seu lugar na sociedade brasileira, sobretudo em posições de destaque.



A dupla do vôlei de praia, Jackie Silva e Sandra Pires: ouro nos Jogos de Atlanta, em 1996

JESSE OWENS

BERLIM, 1936

QUANDO UM ATLETA VENCEU
HITLER, O NAZISMO E O
RACISMO POR RODRIGO CASARIN

Quatro ouros; 10,3 segundos nos 100 metros rasos; 8 metros e 5 centímetros no salto em distância; 20,7 segundos nos 200 metros rasos; e 39,8 segundos na corrida de revezamento 4 x 100 metros. Foi com esses números que o atleta Jesse Owens triunfou sob os bigodes de Adolf Hitler durante as Olimpíadas de 1936, em Berlim.

Tal feito do rapaz de 22 anos era muito para Hitler, que havia alguns anos já colocava em prática sua política de extermínio. Atletas, quando não eram assassinados ou forçados a deixar o país, eram relegados por uma política que, a partir de 1933, privilegiou esportistas que representavam o ideal almejado pelo ditador – branco, de ascendência alemã e, se possível, com corpo que remetesse às esculturas clássicas gregas. Dessa forma, judeus e ciganos, dentre outros, foram afastados do esporte formal na Alemanha, como no caso do judeu Erich Seelig, expulso da Associação de Boxe Alemã mesmo ostentando títulos amadores.

Como então se conformar com um negro triunfando soberbamente no principal evento esportivo que o país já havia sediado? Há quem diga que Hitler não suportou aquilo e, ao cabo das competições, deixou o Estádio Olímpico de



Acima, Jesse Owens no alto do pódio, na prova dos 4x100 metros, em que venceu Itália e Alemanha. Ao lado, Owens salta da linha de partida



Berlim sem sequer olhar no rosto do grande nome daquelas Olimpíadas. Outra versão, no entanto, garante que o ditador reconheceu o feito de Owens longe dos holofotes, cumprimentando o atleta nos bastidores da arena. Entretanto, outra pergunta é cabível para que entendamos o contexto no qual tudo isso se passou: como o Comitê Olímpico Internacional permitiu que um país que era liderado por um dos maiores monstros do século 20 e que já colocava em prática suas ideias nefastas recebesse o evento que se orgulha em se intitular uma festa entre povos?

PAUSA NA BARBÁRIE

Foi em 1931 que o Comitê Olímpico Internacional definiu Berlim como sede das Olimpíadas que aconteceriam dali a cinco anos. Além de celebrar o esporte, a ideia era que o evento ajudasse a recolocar o país no cenário global, de onde andava afastado desde a derrota na Primeira Guerra Mundial. Em 1933, ao ver Hitler assumindo o cargo mais alto da administração alemã, países como Estados Unidos, França, Suécia, Holanda e Tchecoslováquia se posicionaram pedindo o cancelamento das Olimpíadas, mas a solicitação foi em vão. ►



1. Adolf Hitler em saudação nazista; 2. O último dos 3 mil corredores que transportaram a chama olímpica de Olímpia, na Grécia, para Berlim, chega ao Jardim Lustgarten; 3. Multidões lotam o Estádio Olímpico durante a cerimônia de abertura dos Jogos de Berlim de 1936, com discurso de Hitler; 4. Atletas alemães desfilam pela cidade de Berlim até o estádio; 5. Bandeira da suástica alemã entre as bandeiras dos membros internacionais



O historiador Kimon Speciale Ferreira indica em *Os Jogos Olímpicos de 1936 (Berlim) e a Busca da Perfeição Atlética* que “no ano de 1933, ninguém estava plenamente ciente a respeito da posição dos nazistas sobre os esportes, contudo Hitler já havia apresentado forte intenção de realizar uma grande política voltada ao desenvolvimento das práticas corporais. Era seu desejo institucionalizar a cultura física no processo educacional alemão, por meio da crença de que a noção de uma cultura física compete ao Estado, e não ao próprio indivíduo”, mostrando como o ditador valorizava a questão.

Mesmo com esportistas de diversos países

EM BERLIM, NOS JOGOS DE 1936, A BANDEIRA NAZISTA E A OLÍMPICA FICAVAM LADO A LADO

anunciando que boicotariam a competição, a decisão tomada pelo Sindicato dos Atletas Amadores dos Estados Unidos, em 1935, de participar dos Jogos foi decisiva para que mais boicotes não surgissem e, possivelmente, comprometessem o evento, que, ao todo, recebeu equipes de 49 nações. Como era de esperar, a maior foi a alemã, com 348 atletas, seguida dos Estados Unidos, com 312 integrantes – 18 deles negros, como o próprio Owens. O Brasil esteve representado por 94 atletas, que não ganharam medalha.

O que se viu ao longo dos 16 dias de jogos – entre 1º e 16 de agosto – foi, mais do que as competições em si, um esforço enorme dos nazistas para passar uma falsa impressão da Alemanha a todos os estrangeiros que estavam no país. Painéis com mensagens contra os judeus foram removidos de Berlim, turistas homossexuais não respondiam às mesmas leis dos ho-



mossexuais locais e qualquer truculência contra minorias era mantida bem longe de onde as disputas ocorriam. Talvez fosse de estranhar as bandeiras nazistas, com suas suásticas, que enfeitavam as ruas junto da bandeira olímpica.

Ao cabo desse hiato na barbárie, a Alemanha foi quem levou o maior número de medalhas. Além de Owens, no entanto, alguns vencedores provavelmente causaram grande incômodo ao ditador. “Hitler conseguiu mostrar ao mundo o poder totalitário do nazismo alemão e impressionou a todos com a organização social promovida pelo regime, mas não teve sucesso em demonstrar a suposta supremacia racial dos alemães arianos, que foram derrotados por atletas negros, asiáticos e judeus”, apontam os pesquisadores Mario Sigoli e Dante de Rose Junior no artigo *A História do Uso Político do Esporte*.

No entanto, quando o evento acabou, o nazista estava livre para seguir com sua carnifici-

O ÊXITO DE JESSE FOI VISTO COMO UM GOLPE CONTRA A PRETENSA SUPERIORIDADE ARIANA

na. Dois dias depois das Olimpíadas, por exemplo, o chefe da Vila Olímpica, Wolfgang Fuerstner, suicidou-se após saber que tinha sido dispensado do Exército por causa de sua origem judaica. Era hora de Hitler intensificar as perseguições e expansões que culminariam na Segunda Guerra Mundial.

TRAJETÓRIA IMPROVÁVEL

Na guerra todos sabem o que aconteceria e como a imagem de Hitler passaria para a História. E como sinal de seu fracasso uma das cenas mais fortes e representativas que há é justamente a de Jesse Owens no topo do ►

MESMO OVACIONADO, ELE SOFRIA PRECONCEITO POR SER NEGRO, DENTRO E FORA DO SEU PAÍS

pódio do Estádio Olímpico de Berlim. A própria trajetória do atleta, no entanto, é tão improvável quanto o sucesso que se repetiu quatro vezes diante do ditador.

Owens nasceu em setembro de 1913 em Oakville, cidade rural no Alabama, nos Estados Unidos, lugar um tanto inóspito para um neto de escravizados, e foi batizado como James Cleveland – chamado pela família de JC, passaria a ser tratado como Jesse na escola, após uma confusão sonora com seu nome. No ensino médio, seu professor Charler Riley notou que o rapaz tinha talento para o atletismo. Riley tornou-se o primeiro técnico de Owens, que a partir de 1930 começou a se dedicar àquela carreira, ainda que trabalhasse como engraxate para garantir o sustento.

Em 1932, aos 19 anos, fracassou ao disputar as seletivas para as Olimpíadas de Los Angeles, mas não esmoreceu. No ano seguinte, já se

apresentava em outro patamar, tanto que venceu 75 das 79 provas que disputou e quebrou o recorde mundial das 100 jardas. Ofertas de bolsas de estudo surgiram e ele aceitou a da Ohio State University, o que lhe serviu de base para, em 1935, cravar recordes mundiais no salto em distância, 100 jardas, 220 jardas e 220 jardas com barreira, colocando seu nome como um dos inegáveis das Olimpíadas que aconteceriam no ano seguinte.

RACISMO

“O êxito de Jesse Owens foi interpretado como um golpe contra a pretensa superioridade ariana”, considera Alfredo Oscar Salun, doutor em história social pela USP, no artigo *Esportes e Propaganda Política na Década de 1930* ao falar da medalha de ouro do atleta americano no salto em distância, modalidade na qual desbancou o alemão Lutz Long, considerado imbatível na modalidade.

Se na Alemanha Owens triunfou sobre a barbárie, quando regressou aos Estados Unidos, porém, nem as quatro medalhas de ouro que carregava no peito foram suficientes para que a lamentável realidade então em voga no país ti-

Em Nova York, de volta aos Estados Unidos, o atleta americano Jesse Owens sorri enquanto acena para os fãs durante um desfile em homenagem a ele e aos outros atletas do país que competiram nos Jogos Olímpicos de Berlim



vesse alguma mudança. Na volta, o atleta desfilou por Nova York, onde foi recebido por chuvas de papéis picados, muitos aplausos e calorosas saudações. Contudo, ao colocar os pés num suntuoso hotel onde seria homenageado por autoridades, logo foi orientado para que utilizasse o elevador de serviço. Nem toda a glória do mundo seria capaz de solapar o racismo: os elevadores sociais só podiam ser usados pelos brancos, e Owens não seria a exceção.

O atleta aproveitou seu prestígio para levantar algum dinheiro. Passou a participar de corridas festivas, algumas que se aproximavam do bizarro. Em Cuba, por exemplo, ainda no final de 1936, ganhou 2 mil dólares por vencer uma disputa contra cavalos. Também competiu com cães e até mesmo automóveis. Foi expulso da Associação Amadora de Atletismo por tais atividades sob alegação de que aquilo era degradante, mas ele precisava se sustentar, alegava, e aquela era a maneira que encontrou para isso. Mas não passou a vida fazendo essas apresentações. Também trabalhou em escolas, foi frentista, teve uma lavanderia e atuou como relações públicas, emprego no qual se deu muito bem. Chegou a ser embaixador do Departamento de Estado e foi ensinar atletismo em países do sudeste asiático.

Apesar de viver em uma nação onde negros possuíam escassos direitos civis, Owens estava longe de ser alguém engajado nas questões raciais. Em 1968, inclusive, criticou publicamente os atletas Tommie Smith e John Carlos pelo gesto político que fizeram nas Olimpíadas do México, em 1968 (*veja o boxe ao lado*). Foi somente no final da vida – morreu aos 66 anos em 1980 – que o esportista, ícone de oposição a Hitler, reconheceu que vivia em uma nação também seriamente marcada pelo desrespeito ao ser humano. “Depois de todas aquelas histórias sobre Hitler e como ele me esnobou, voltei para o meu país, um lugar onde eu não podia sentar na parte da frente de um ônibus. Então, qual era a diferença?” A Alemanha nazista e os Estados Unidos segregacionistas de alguma forma se refletiam. **AH**



OS PANTERAS NEGRAS

Nas Olimpíadas da Cidade do México, em 1968, dois negros dos Estados Unidos se tornaram símbolo da resistência. Tommie Smith ganhou a medalha de ouro nos 200 metros rasos, enquanto John Carlos ficou em terceiro lugar. Ao subirem no pódio, na hora do hino nacional, baixaram a cabeça e ergueram o braço com o punho cerrado. O gesto era o sinal dos Panteras Negras, movimento que nascera em 1966 para combater o racismo e lutar pelo empoderamento dos negros no país. A foto de ambos no pódio em tal posição se tornaria uma das imagens mais emblemáticas da história das Olimpíadas. No entanto, as consequências imediatas não foram boas para os corredores, ao menos no âmbito esportivo. Como o Comitê Olímpico Internacional veta que os atletas realizem gestos políticos nos jogos, Tommie e John acabaram expulsos daquela edição da competição e suas medalhas foram caçadas. Coube à História transformá-los em heróis.

O COUBERTIN DOS PARALÍMPICOS



LUDWIG GUTTMANN,
O MÉDICO ALEMÃO
PIONEIRO DA INCLUSÃO
E DA REABILITAÇÃO
FÍSICA POR MEIO DO
ESPORTE **POR EDUARDO COLLI**

Ludwig Guttman nasceu em Tost, na Alemanha, no dia 3 de julho de 1899. Aos 3 anos de idade se mudou com a família para Konigshutte, uma região de mineração de carvão. Em 1917, aos 18 anos, trabalhando como voluntário no hospital de mineiros, aconteceu seu primeiro encontro com a paraplegia: um jovem carvoeiro com fratura na espinha tinha perdido toda a sensibilidade. Após ajudar no atendimento, Guttman ouviu de um médico: “Não se preocupe, ele estará morto em pouco tempo”. Em cinco semanas, com um quadro de septicemia generalizada, provocada por infecção urinária e outras doenças, o mineiro morreu. Guttman se lembraria desse paciente pelo resto da vida.

Ele estudou medicina, inicialmente na Faculdade de Breslau e depois na Universidade de Friburgo, onde se tornou ativo membro da fraternidade judaica para informar e sensibilizar contra o antissemitismo nas universidades alemãs. Autoconfiante, afirmava: “Ninguém precisa ter vergonha de ser judeu”. Formado, foi trabalhar no departamento neurológico no hospital em Breslau, na Baixa Silésia, atual Polônia. Cresceu profissionalmente e foi neurocirurgião no Hospital Universitário de Hamburgo por um ano, até se tornar assistente do então famoso doutor Foester e publicar seu primeiro artigo acadêmico. Em 1933, com a proibição a

médicos judeus de trabalhar em hospitais públicos, voltou a Breslau, onde imediatamente assumiu os departamentos neurológico e neurocirúrgico do hospital judaico.

Com a ascensão de Hitler ao poder, a posição dos alemães com origem judaica ficou cada vez mais difícil. Acreditando que o nazismo não iria durar muito tempo, ele não aceitou os convites para trabalhar no exterior. Tornou-se presidente da Comunidade Médica Judaica e se expôs ao perigo, ajudando refugiados e pacientes. Em 9 de novembro de 1938, na chamada Noite dos Cristais, quando judeus foram atacados na Alemanha e na Áustria, Guttman internou 64 pessoas com a intenção de salvá-las. Ao ser interrogado pela Gestapo sobre essas internações repentinas, alegou que eram casos de urgência. Ele salvou todos, mas três foram enviados para campos de concentração. Percebeu, então, que deveria deixar a Alemanha. Após tentar se fixar sem êxito em Lisboa, por meio de um amigo do então ditador português António Salazar, foi com a família para a Grã-Bretanha. Era março de 1939.

Patrocinado pelo doutor Hugh Cairns, um dos principais neurocirurgiões desse período, e ajudado pelo Conselho para Assistência de Acadêmicos Refugiados, Guttman começou uma pesquisa em Oxford. Nessa época, os paraplégicos eram engessados e confinados em leitos onde viviam como pessoas inúteis, sem espe- ►

rança e indesejadas, condenadas pelo resto da vida às instituições para doentes incuráveis e sem incentivo para voltarem a ter uma vida produtiva. A taxa de mortalidade por paraplegia traumática nos Exércitos britânico e americano durante a Primeira Guerra Mundial atingiu 80% dos casos. Isso o perturbava.

REABILITAÇÃO E REINTEGRAÇÃO

Inspirado no tratamento de lesões da coluna vertebral que um tal doutor Munro introduziu nos Estados Unidos na década de 1930, onde os pacientes eram virados de posição a cada duas horas para prevenir as escaras, em dezembro de 1941, Guttman apresentou um estudo com pacientes que sofriam de lesões na medula espinhal: como deveriam ser tratados e reabilitados. Prevendo que o número de paraplégicos iria aumentar com o ataque do Dia D, o Conselho de Pesquisa Médica da Inglaterra decidiu criar um centro especial para pacientes com lesões na medula espinhal. E o governo britânico nomeou o doutor Guttman como diretor-geral do primeiro Centro de Reabilitação para Pacientes com Lesões na Medula Espinhal, no Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury. Ele aceitou sob a condição de total independência para aplicar o seu método de tratamento.

O Centro começou a funcionar em fevereiro de 1944 com 26 leitos. O objetivo de Guttman era a reintegração dos pacientes na sociedade, como membros respeitáveis e úteis. Nos dois primeiros anos de atividade escutou repetidamente a mesma pergunta de quase todos os visitantes: “Realmente vale a pena?” A demonstração de como seria difícil superar as percepções e os preconceitos seculares não o desmoronou. Uma frase de um dos primeiros pacientes sintetizava a atitude derrotista da

**GUTTMANN BUSCAVA
REINTEGRAR OS PACIENTES
NA SOCIEDADE COMO
MEMBROS RESPEITÁVEIS**



À esquerda, Guttman mostra à sua equipe de fisioterapeutas como o paciente deve se movimentar neste exercício para usar os músculos da parte superior do corpo e mover os quadris paralisados. À direita, documento do médico e, abaixo, o doutor e pacientes com lesões na medula espinhal no centro de reabilitação do Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury, na Inglaterra, além de partidas e atividades entre eles



EM SEU PROGRAMA, PACIENTES E ENFERMEIROS SENTAVAM EM CADEIRAS DE RODA PARA COMPETIR

sociedade e a força deles e do doutor: “Uma das tarefas mais difíceis para um paraplégico é animar seus visitantes!”

Embora não pensasse em si mesmo como psicólogo, em toda a estrutura do programa de reabilitação, Guttman demonstrou profunda compreensão dos fatores psicológicos dos pacientes com lesão de medula. Esse foi seu triunfo: conhecendo o valor terapêutico, recreativo e psicológico, ele revolucionou ao introduzir no tratamento dos paraplégicos as atividades físicas para o fortalecimento muscular e a prática esportiva. Solicitava que as equipes de enfermagem interagissem com os pacientes, relatando fatos cotidianos para que eles criassem uma conexão com o ambiente fora do hospital. E, mais impressionante, colocou pacientes e enfermeiros sentados em cadeiras de rodas para competirem. Era a semente do que viria depois.

JOGOS EM CADEIRA DE RODAS

Logo a prática desportiva foi incorporada ao programa de reabilitação e se transformou em atividades para homens, mulheres e crianças no hospital. Iniciativa depois expandida para toda a Grã-Bretanha. Seus pacientes praticavam várias modalidades, do basquete em cadeiras de rodas a corridas com próteses. Em 1944, ao ver cadeirantes e pacientes com bengalas correndo atrás de um disco que deslizava sobre o piso, Guttman entrou no jogo, e assim nasceu um novo esporte: o polo em cadeira de rodas.

Ele revolucionou sua área ao conseguir reabilitar e reintegrar os pacientes como indivíduos dignos e produtivos, superando as limitações. Em 28 de julho de 1948, um dia antes do dia da abertura dos segundos Jogos Olímpicos de Londres, os primeiros após o recesso de 12 anos gerado pela Segunda Guerra Mundial, foram



A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS JOGOS PARALÍMPICOS FOI EM ROMA, EM 1960, COM 400 PARATLETAS DE 23 PAÍSES

realizados os primeiros Jogos de Stoke Mandeville: 14 homens e duas mulheres que serviram o Exército britânico no campo de batalha disputaram provas com arco na grama do hospital. A data não foi escolhida por acaso, Guttman queria que seus Jogos fossem divulgados.

Em 1952, com a participação de uma equipe holandesa de veteranos de guerra paraplégicos, os Jogos se tornaram internacionais. Só quatro anos do primeiro intento haviam se passado, e oito da inauguração do Centro. Com apoio do Comitê Olímpico Internacional ficou estabelecido que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville seriam realizados no país-sede das Olimpíadas. A primeira edição dos Jogos Paralímpicos aconteceu, com 400 paratletas de 23 países, em Roma, Itália, em 1960. Após o encerramento, ao discursar no Vaticano para uma plateia com centenas de paratletas em cadeiras de rodas, o papa João 23 afirmou: “Doutor Guttman, você é o Pierre de Coubertin dos paralisados”.

Em 1961, Guttman se tornou o primeiro presidente da Sociedade Médica Internacional de Paraplegia e também o primeiro editor da revista *Sociedade*. Aposentou-se em 1966, mas seu legado é maior que os Jogos Paralímpicos e talvez superior ao de Coubertin. Ele revolucionou o tratamento das lesões na medula e se tornou símbolo do resgate da esperança para muitas pessoas. Quando foi acusado de não admitir que seus pacientes eram inválidos, que não teriam uma vida normal, um colega lhe perguntou: “Quem eles pensam que são?” Fitando-o, Guttman respondeu: “Os melhores dentre os homens”. Ludwig Guttman faleceu em 8 de março de 1980 em Aylesbury, na Grã-Bretanha. Com o título *The Best of Men* (O Melhor dos Homens), sua vida foi retratada em documentário da BBC, de Londres. **AH**





COMPETIÇÃO PARALELA

Os esportes para atletas com alguma deficiência existem há mais de 130 anos. Em 1888, foram criados os primeiros clubes desportivos para surdos em Berlim, Alemanha. Apenas depois da Segunda Guerra Mundial que foram amplamente introduzidos para auxiliar o grande número de soldados e civis que se lesionaram no conflito. Nesse mesmo período, sob a regência da Federação Mundial dos Ex-Militares, foi criado um grupo internacional de trabalho para estudar os problemas do desporto para as pessoas com deficiência. Em 1964, criou-se a Organização Internacional de Desporto para Deficientes (ISOD), agrupando, além dos atletas cadeirantes com lesões na coluna, pessoas

Acima, o atleta canadense Arnold Bouldt na prova de salto em altura que deu ouro a ele nos Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992. À esquerda, David Holding, da Grã-Bretanha, no centro da foto, quebra o recorde mundial em 1996 e leva o ouro, segurando Hakan Eriksson, da Suécia (à *esq.*), e Claude Issorat, da França (à *dir.*). Abaixo e à esquerda, Lucas Prado, do Brasil e seu guia comemoram o ouro nos 200 m rasos durante os Jogos Paralímpicos de 2008, em Pequim, na China. E, por fim, Jessica Long, dos Estados Unidos, compete na final dos 400 m livres nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016



com deficiência visual, amputados, paráliticos cerebrais e paraplégicos.

Em 1976, a cidade sueca de Örnköldsvik recebeu os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno. Os Jogos de Verão e Inverno são disputados a cada quatro anos. Nessa edição foram incluídos esportes para cegos e amputados e, em 1980, as disciplinas para atletas com paralisia cerebral. Na mesma época, criaram-se organizações, como a Associação Internacional de Esportes e Recreação (CIPISRA) para pessoas com deficiência cerebral e a Federação Internacional para Esportes de Cegos (IBSA). Para coordenar os Jogos Paralímpicos, em 1982, fundou-se o Comitê Mundial de Coordenação Internacional de Esportes para Deficientes (ICC), formado pelos presidentes dessas organizações, também seus secretários-gerais e um membro adicional (no início era o vice-presidente, e, mais tarde, o diretor técnico). O Comitê Internacional de Esportes para Surdos e as Federações Esportivas Internacionais para Pessoas com Deficiência Intelectual (INAS-FID) juntaram-se ao ICC em 1986. Finalmente, em 22 de setembro de 1989, o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) foi fundado em Dusseldorf, Alemanha, para atuar como órgão regulador global do Movimento Paralímpico. A partir dos Jogos de Verão de Seul, na Coreia do Sul, em 1988, e de Albertville, na França (Jogos de Inverno), em 1992, graças ao acordo entre o CPI e o COI, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos são realizados nas mesmas cidades e locais nos mesmos anos, com diferença de poucos dias.

No início, usou-se a expressão “paralímpico”, combinação das palavras “paraplégico” e “olímpico”. Depois, com a inclusão de atletas de outros grupos de deficiência, foi adotado o termo “paralímpico”, combinação da preposição grega παρά (“junto a” ou “ao lado de”) e “olímpico”, remetendo ao fato de a competição ser paralela aos Jogos Olímpicos, ilustrando claramente que os dois movimentos caminham lado a lado.

RAINHA HORTÊNCIA

TRANSCRIÇÃO FABIO PREVIDELLI | EDIÇÃO IZABEL DUVA RAPOPORT

Considerada uma das maiores jogadoras do basquete feminino, Hortência Marcari marcou época nos anos 1990 ao lado de Magic Paula e Janeth Arcain. Titular da Seleção Brasileira de Basquete Feminino desde os 16 anos, a “Rainha Hortência”, como é carinhosamente chamada até hoje, entrou para o Hall da Fama do Basquetebol Feminino nos Estados Unidos, em 2002.

Por nossa Seleção, marcou 3.160 pontos (a maior pontuação ainda hoje) em 127 partidas; e também conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Havana, em Cuba, em 1991, o Campeonato Mundial de Basquete Feminino na Austrália, em 1994, além de encantar o mundo com a histórica prata olímpica nos Jogos de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996.

Em entrevista ao jornalista Edgardo Martolio, para o programa *Legends*, do portal SportBuzz, parceiro de AVENTURAS NA HISTÓRIA, Hortência falou sobre ser mulher no basquete, sua idolatria no esporte, o valor do coletivo, os bastidores olímpicos e sua carreira que marcou toda uma geração. Confira um trecho a seguir.

Aqui se fala muito sobre o país do futebol, sobre o Pelé e lendas realmente maravilhosas. Mas, no basquete, e nos demais esportes, acho que você supera todo mundo. Você no feminino e o Oscar Schmidt no masculino ultrapassam não só a curva brasileira, mas a latino-americana. Existe outra Hortência no mundo?

Quando você fala sobre o Brasil ser o país do futebol, óbvio que o Pelé vem em primeiro plano. Ele é *hors-concours*. Mas, junto com

ele, vem Ronaldo, Ronaldinho, Romário e um monte de outros jogadores bons pra caramba. Já quando você fala de Hortência, Paula, Janeth, Oscar, Marcel, fico um pouco triste porque a gente não vê outras pessoas. Então, torço para que apareçam outras jogadoras, outros nomes, para que a gente possa se orgulhar e ver nosso país também ganhar. Nós construímos isso. Fico feliz quando vejo, por exemplo, coisas do passado, me sinto orgulhosa em falar: “Puxa vida, a gente levou o nome do

nosso país, fomos campeãs mundiais”. Não é todo mundo que consegue isso.

Circula na internet uma cesta sua que bate recordes de audiência. Como foi isso?

Eu postei há algum tempo uma jogada que foi considerada entre as “Dez melhores jogadas de todos os tempos”, entre homens e mulheres. É uma jogada que mostra o trabalho de equipe e a sinergia que as três jogadoras tinham (eu, Janeth e Paula). A Janeth sobe, vê que a Paula está embaixo sozinha, passa a bola por trás das costas para mim, eu driblo duas jogadoras e faço a cesta na Olimpíada de Atlanta, onde disputamos a final e





“A JOGADA NAS OLIMPIADAS DE ATLANTA, CONSIDERADA UMA DAS 10 MELHORES DE TODOS OS TEMPOS, MOSTRA O TRABALHO DE EQUIPE E A SINERGIA DAS JOGADORAS. E MOSTRA TAMBÉM QUE PRECISAMOS DAS PESSOAS À NOSSA VOLTA”

ganhamos a medalha de prata. Isso mostra a sinergia. E mostra também que você não aparece sozinha, não joga sozinha, e que precisa das pessoas à sua volta.

Por isso a Hortência foi o que foi: apesar de ter feito 124 pontos num único jogo, você ainda reconhece que ninguém joga sozinho...

Não joga. Nós estamos aqui na entrevista [especialmente feita para o programa *Legends*, do portal SportBuzz] e tem a pessoa que trabalha com o áudio, a que trabalha com a iluminação, e quem filma. Todos são importantes para que a nossa entrevista saia bacana. Então não existe você trabalhar sozinho. Eu nunca falo “eu fui a...”. Não!

“Nós fomos”. O “nós”, em todos os lugares, é mais importante do que o “eu”.

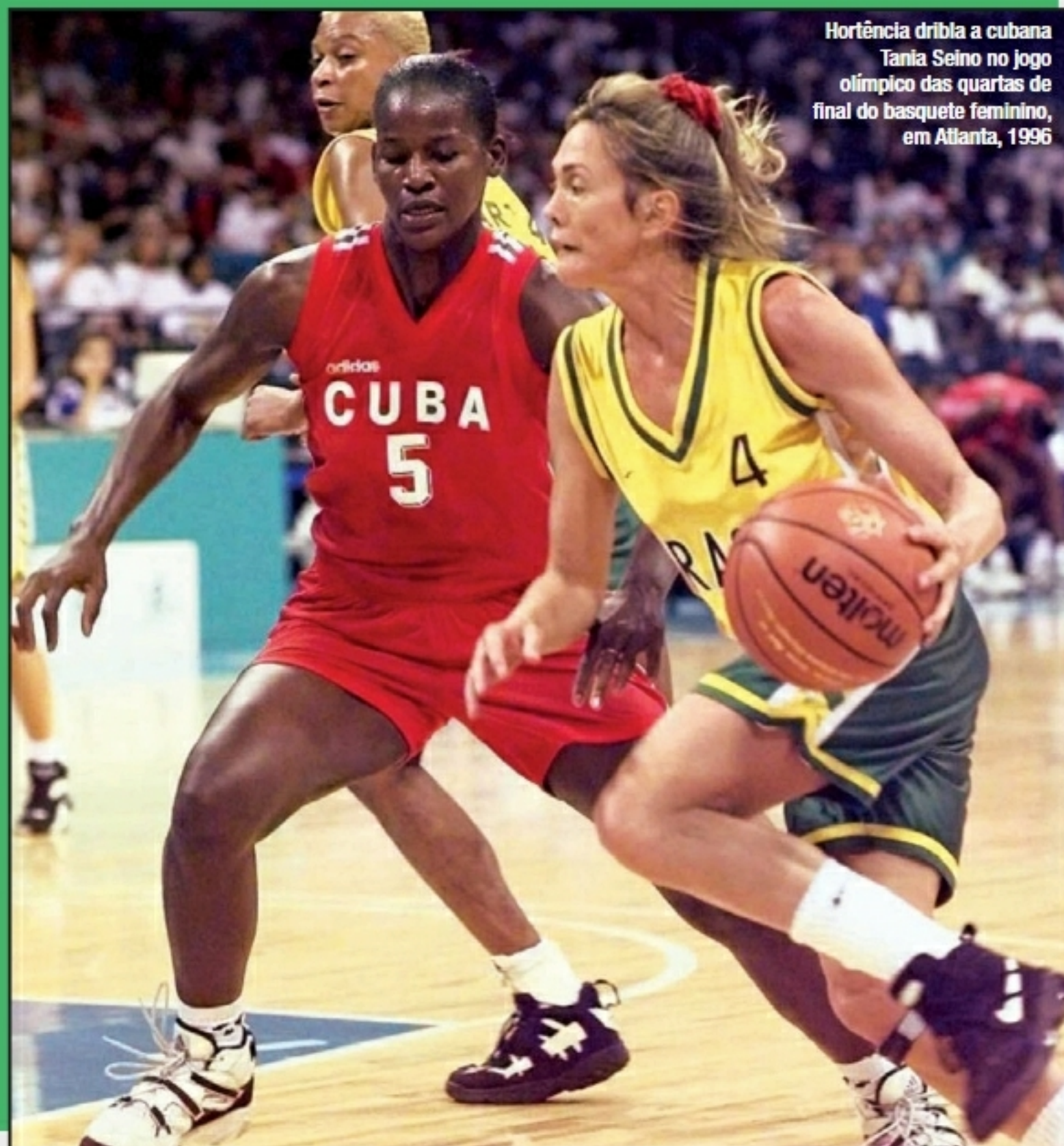
Você se sente frustrada por ver que, hoje, jogadoras com qualidade inferior à sua ganham muito mais dinheiro do que na sua época?

Não. Eu acho que a frustração faz parte do nosso dia a dia. Mas fico triste em ver que essas meninas não tiveram a mesma preparação, as mesmas oportunidades ou uma gestão bacana para que pudessem sobressair e ganhar muito mais dinheiro. Eu acho que a gente não pode analisar as etapas da vida da gente. Era outra geração, não tinha internet naquela época. E eu aplaudo. Aplaudo porque acho

bacana. Acho que elas têm que ganhar muito dinheiro mesmo. Não sei se está ganhando mais ou não, e para mim também não interessa, acho que faz parte.

Mas você ganhou mais dinheiro depois de parar de jogar do que como jogadora. E você não jogou na Europa ou nos Estados Unidos. Você teria que ter jogado num mercado que já pagava melhor...

Mas eu ganhei o suficiente para ser uma pessoa, hoje, que vive de uma maneira tranquila. Costumo falar que meu futuro está garantido. O que eu ganhei no passado está guardado para o meu futuro. E hoje, tudo o que acontece e o que ganho em ►



Hortência dribla a cubana Tania Seino no jogo olímpico das quartas de final do basquete feminino, em Atlanta, 1996

“EU TENHO NOME DE FLOR. NASCI NO DIA DA PRIMAVERA NA CIDADE POTIRENDABA, QUE QUER DIZER ‘CESTA DE FLORES’, E PRATIQUEI O ESPORTE DA CESTA”, DISCURSOU NO HALL DA FAMA

trabalhos, palestras, gasto hoje, com o meu presente. Porque, também, já vou fazer 65 anos e o que eu espero da minha vida é viver o momento. Quero viajar, curtir meus filhos, meus amigos. Eu quero o hoje. O meu futuro já está garantido pelo passado.

Você nasceu em Potirendaba [São Paulo]...

Que quer dizer cesta de flores [na língua indígena]...

De uma cesta para outra...

Você sabe que o discurso que eu faço no Hall da Fama é

todo envolvido no meu nome? Eu falo assim: “Eu tenho nome de flor. Nasci no dia da primavera (23 de setembro), dia 21 é o Dia da Árvore. Nasci numa cidade chamada Potirendaba, que quer dizer cesta de flores. E pratiquei o esporte da cesta”.

Quando falamos das jogadoras atuais, você disse que muitas vezes não houve preparação para desenvolver o talento. Se você não tivesse saído de Potirendaba, você teria sido a Hortência?

Não. Mas, na verdade, a grande oportunidade que tive foi na aula de educação física da escola.

Você lembra sempre do professor?

Eu respeito demais o professor. Primeiro porque eu sou professora de educação física; nunca dei uma aula, mas me formei, com diploma e tudo. Valorizo muito o professor de educação física, pois foi ele que me apresentou a bola pela primeira vez na escola. Acho que, hoje, a grande saída para o esporte nacional é dar essa oportunidade para a criança degustar várias modalidades na escola. É ali. Porque a maioria, hoje, não tem dinheiro para ser sócia de clube. No entanto, toda criança está (ou deveria estar) na escola.

Você já parou para imaginar que outras

Hortências podem ter ficado pelo caminho?

Existem por aí, mas não tiveram oportunidade de aparecer. E a oportunidade tem que estar na escola.

Assisti a um documentário sobre o basquete feminino norte-americano que mostra como a imagem da década de 1990 mudou, quando aquele time, que era ótimo, foi pego pela NBA [National Basketball Association] dizendo: “Precisamos que tenham uma imagem feminina. Se vocês, com tudo o que ganham em quadra, passassem a se maquiar e se vestir de um jeito feminino, vão ganhar muito dinheiro com publicidade”. E assim aconteceu. Esse documentário traduz toda essa transformação e as jogadoras passaram a ganhar mais, com a imagem. Na sua época, a sensação que eu tinha era de que as jogadoras de basquete não eram como as americanas. Você acha que as brasileiras eram mais femininas do que elas?

Não sei. Nunca pensei nisso, mas acho que você vende um produto quando você tem credibilidade, quando as pessoas olham para você e falam: “Se ela está falando é porque é legal”. É óbvio que tem produtos de beleza e aquelas coisas todas, mas a imagem que você passa dentro da quadra tem que ser de garra,

“ACHO QUE A GRANDE SAÍDA PARA O ESPORTE NACIONAL É DAR OPORTUNIDADE PARA A CRIANÇA DEGUSTAR VÁRIAS MODALIDADES NA ESCOLA. É ALI. PORQUE A MAIORIA NÃO É SÓCIA DE CLUBE”

determinação, de uma pessoa que não desiste, que luta por um resultado – e o resultado pode ser positivo ou negativo, mas ela está ali, sempre lutando. Acho que essa imagem é muito importante. Agora, eu não julgo, por exemplo, uma mulher que não quer se maquiar. Vou te falar da roupa, por exemplo: antes, quando eu comecei a jogar basquete, tínhamos que usar aquele shortinho cavado que aparecia a “polpinha” da bunda. Os homens, principalmente, achavam o máximo. Mas a gente não se sentia confortável. Porque não estou ali para que as pessoas achem que sou sensual. Estou ali para ganhar o jogo. Para ter liberdade de abrir minhas pernas quando eu caio no chão sem aparecer minha bunda. Então, quando quiseram mudar o nosso uniforme, eu fui super a favor. E quando a FIBA [Federação Internacional de Basquetebol] quis fazer um uniforme mais feminino, eu me posicionei: “Não estamos aqui para agradar ao público, estamos aqui para fazer cesta”.

Com a mentalidade americana, tudo é *business*. Muitas jogadoras poderiam ter ganhado ou

ganhar mais dinheiro se mudassem. No mundial feminino de futebol, por exemplo, a imagem das meninas que jogam atualmente é, em geral, feminina e isso deu uma transcendência maior ao próprio esporte, porque é uma coisa pendular, que leva para fora da quadra e traz para dentro. Isso é muito bacana...

Vou te dar um exemplo. Eu nunca fui uma pessoa assim: “ah, você é musa”. Eu nunca fui musa, mas eu posei para a *Playboy* e vendeu pra caramba. Eu era bonita? Eu era gostosa? Não, mas eu vendi porque o povo era curioso e queria saber como era a Hortência pelada. Eu tinha uma fama e eles queriam ver um outro lado. Às vezes, você vender um produto não tem relação com beleza, mas sim com credibilidade e curiosidade.

HORTÊNCIA MARCARI

É EX-JOGADORA DE BASQUETE, CONSIDERADA UMA DAS MAIORES ATLETAS DA MODALIDADE. FOI FINALISTA DAS OLIMPÍADAS DE ATLANTA, NOS ESTADOS UNIDOS, EM 1996, GANHANDO MEDALHA DE PRATA. EM 2002, ENTROU PARA O HALL DA FAMA DO ESPORTE

NA SÉTIMA ARTE

Quem viveu os Jogos Olímpicos da Antiguidade, estritamente ligados à religião e com homenagens aos antigos deuses gregos, provavelmente jamais imaginou a influência do evento na sociedade atual, após a modernização trazida pelo Barão de Coubertin.

Com uma história longa e inspiradora, as Olimpíadas deram origem a documentários, biografias e ficções. Além de retratar os primórdios dos Jogos, a sétima arte também se dedica a explorar histórias isoladas daqueles que deixaram seu nome no evento tão fascinante do mundo.

Recentemente a plataforma de *streaming* Netflix surpreendeu os assinantes com *Sob as Águas do Sena*, um *thriller* que retrata um tubarão perdido no cartão-postal de Paris a poucas semanas de um campeonato de triatlo. No entanto, a relação entre cinema e Olimpíadas vem de longa data.

Começou com Leni Riefenstahl, que trabalhou como cineasta no regime nazista. Embora manchada por sua relação com a ditadura de Adolf Hitler, foi a responsável por *Olympia* (1938), documentário que registrou os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. Aqui, não podemos esquecer que a propaganda era a alma do regime.

A sétima arte também foi marcada pelo lançamento de *Carruagens de Fogo*, de Hugh Hudson, em 1981, vencedor do Oscar. Ambientado nas Olimpíadas de 1924, em Paris, retrata dois corredores britânicos de diferentes realidades e classes sociais: um judeu inglês, que lida com o preconceito, e um cristão devoto, que corre em nome de Deus.

Até mesmo a comédia já agraciou os admira-

dores de filmes sobre os Jogos Olímpicos. Após lutar contra Júlio César e encarar uma missão da rainha Cleópatra, Asterix e Obelix encaram a competição em *Asterix nos Jogos Olímpicos*. Lançado em 2008, contou com a participação de grandes personalidades do esporte, como Zinedine Zidane e Tony Parker.

Já quando falamos sobre filmes de ação, Steven Spielberg, responsável por clássicos como *A Lista de Schindler* e *Tubarão*, surpreendeu com *Munich*. De 2006, relembra um dos episódios mais tensos da História: o sequestro e o assassinato de 11 atletas de Israel por um grupo extremista na Vila Olímpica de 1972. Nesta obra, o público é levado para uma missão secreta de retaliação após o massacre.

Ainda falando sobre gênios, Clint Eastwood deu sua contribuição com o emocionante *O Caso Richard Jewel*, de 2019. Também baseado em uma história real, mistura fato e ficção ao apresentar

a saga de um segurança erroneamente acusado de ter participado de um atentado ocorrido nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996.

Por último, não podemos nos esquecer de mencionar *Race*, de 2016, lançado por Stephen Hopkins. O longa-metragem resgata uma das figuras mais importantes da História dos Jogos Olímpicos, especialmente na edição de Berlim, em 1936: Jesse Owens, o atleta americano tema da reportagem da página 38 desta edição especial de AVENTURAS NA HISTÓRIA. Ao encarar o racismo e o nazismo, ele ganhou quatro medalhas de ouro, escancarando a hipocrisia de um regime que tentava vender a história de uma raça ariana superior.

ALÉM DE RETRATAR OS PRIMÓRDIOS DOS JOGOS, O CINEMA SE DEDICA A BIOGRAFIAS

THIAGO LINCOLINS É DIRETOR EDITORIAL DE AVENTURAS NA HISTÓRIA, JORNALISTA PÓS-GRADUADO EM MARKETING DIGITAL E FASCINADO POR ARQUEOLOGIA, PERSONAGENS, HOLLYWOOD E EFEMÉRIDES

O HOMEM ELÁSTICO

Paris 2024 é especial para os brasileiros também pela participação centenária do atleta Alfredo Gomes. Afinal, foi na cidade francesa, mas nas Olimpíadas de 1924, que o neto de escravizados se tornou o primeiro negro a representar o Brasil nos Jogos. Gomes também foi escolhido para carregar a nossa bandeira na cerimônia de abertura, no Estádio Olímpico Yves-du-Manoir.

Sua história começa no dia 16 de janeiro de 1899, quando nasceu no Vale do Paraíba, na cidade de Areias – um importante centro de produção cafeeira da época, na rota do tráfico de escravizados do século 19.

Em 1914, Alfredo se muda com a família para São Paulo, onde dividia seu tempo entre seu trabalho na Companhia Telefônica Brasileira (CTB), estudo e tempo livre jogando futebol na várzea. A modalidade criada para os ricos começava a se popularizar, mas, dos gramados e da chuteira, o jovem conheceu uma nova paixão: o atletismo. Em 1919, enquanto participava de um piquenique na Represa do Guarapiranga, Alfredo viu que o tradicional Colégio São Luiz organizava uma prova de atletismo – e ele não só participou como ganhou.

A partir dessa vitória, o fundista se descobriu um craque na modalidade, na qual praticava com equipamentos inadequados, com roupas e calçados pesados (ou chuteiras de futebol). Isso não o impediu, porém, de entrar em 1921 no grupo de atletas do Clube Esperia, criado por imigrantes italianos. Alfredo logo se destacou entre os principais nomes do atletismo do país, com conquistas e pódios em

diferentes provas de longa distância, como os 1.500, 5 mil e 10 mil metros, além dos 10 mil cross-country. Nessa época, o atleta ficou conhecido como “O Homem Elástico”.

Quando os Jogos Olímpicos de 1924 chegaram, o Brasil ainda não tinha certeza se enviaria atletas para Paris, visto que o então presidente Arthur Bernardes decidiu não custear a viagem e estadia dos atletas. Isso dependeu de uma campanha de arrecadação pública encabeçada pelo jornal *O Estado de São Paulo*. Assim, em 27 de maio, um grupo de dez atletas (oito do atletismo e dois do remo) partiu do Porto de Santos em uma viagem transatlântica de 30 dias até o Canal da Mancha.

Pelo bom desempenho, Alfredo foi escolhido para carregar a bandeira brasileira na abertura e, apesar das expectativas e inscrição em cinco provas, participou apenas de duas, conseguindo a nona colocação na se-

mifinal classificatória para os 5 mil metros. Nos cross-country, ele não terminou, sendo afetado pelo rigoroso calor de 40°C.

De volta ao Brasil, Alfredo manteve seu status como um dos melhores fundistas do país ao ser o primeiro campeão da tradicional prova da Corrida de São Silvestre, disputada em 31 de dezembro de 1924. Ele se manteve como atleta amador por toda a vida, dividindo-se entre o esporte e o trabalho na CTB, onde ficou por 51 anos.

Alfredo faleceu em 17 de março de 1964, à sombra de uma árvore, após correr 2 km numa manhã de domingo na pista do Esperia. O atleta foi sepultado no Mausoléu dos Esportistas, que ele mesmo ajudou a viabilizar.

**ALFREDO GOMES FOI
O PRIMEIRO ATLETA
NEGRO A REPRESENTAR
O BRASIL NOS JOGOS**

OLIMPÍADAS E GEOPOLÍTICA

Ao voltarmos alguns milênios na História em busca da relação entre os Jogos Olímpicos e a geopolítica, mais precisamente à Grécia do ano 776 a.C., vemos que a própria origem das Olimpíadas é centrada na guerra e na disputa de poder entre as diversas Cidades-Estado gregas. Mais que um momento de homenagem aos deuses, especialmente a Zeus, o Rei do Olimpo, os Jogos eram uma forma de fazer com que as Cidades decretassem trégua nos combates – uma vez que viviam em constante beligerância.

As modalidades variavam bastante das atuais – uma ou outra, como as provas de corrida, permanecem, no entanto, o objetivo do “espírito olímpico” já era o mesmo: fazer com que a rivalidade do campo de batalha fosse transferida para as arenas onde os esportes eram disputados. Ganhar uma prova trazia enorme poder e prestígio não apenas para o atleta, mas principalmente para a Cidade-Estado representada por ele. As clássicas rivais Atenas e Esparta, por exemplo, tinham nos Jogos uma forma de mostrar qual seria o melhor sistema: o academicismo dos pais da democracia ou a disciplina marcial castrense?

Conseguem ver a semelhança com o que ocorre nas Olimpíadas modernas? Pois bem, mesmo depois da dominação romana da Grécia, os Jogos continuaram e foram até ampliados, uma vez que os novos mestres, com sua “natureza conquistadora”, queriam provar nas pistas, tanto quanto no campo de batalha, sua disciplina e superioridade. Foi só com o imperador Teodósio I, em 393, que os mesmos foram ex-

tintos. Convertido ao cristianismo, o “César” proibiu tudo aquilo que via como “festa pagã” – lembrem que a homenagem a Zeus, Júpiter para os romanos, estava por trás de toda a festa?

Foi só mais de um milênio depois, em 1896, que os Jogos foram resgatados pelo barão francês Pierre de Coubertin. Apaixonado pela educação e pelo ensino, e vendo o potencial do esporte em unir os povos, ele se aproveitou do crescimento do interesse pela Antiguidade Clássica – no mundo colonial da virada do século 19 para o 20, a arqueologia era popular – para promover a criação das Olimpíadas modernas.

A ideia pode até ter sofrido resistência, mas foi abraçada e os Jogos voltaram. Apesar da

célebre frase de Coubertin, “O importante não é vencer, mas competir, e com dignidade”, as coisas não saíram exatamente assim. É indiscutível o potencial de despertar o melhor das pessoas que uma Olimpíada possui, mas, desde que foram recriadas, vemos como “o outro lado da competição” se manifesta na humanidade.

Diversos países têm se utilizado dos jogos para promover sua filosofia ou sistema político. Os primeiros da era moderna viram uma rivalidade entre os EUA e as nações europeias. O mundo multipolar de então opunha as velhas potências imperiais do Velho Mundo a uma nascente do novo continente. Ao contrário da Antiguidade, os Jogos não foram suficientes para impedir a escalada das rivalidades e, assim, a Olimpíada de 1916 nunca aconteceu, justamente devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial dois anos antes.

**OS JOGOS ERAM UMA
FORMA DE AS CIDADES
DECRETAREM TRÉGUA
NOS COMBATES**



Stanley Stanczyk, dos EUA, e dois soviéticos, Trofim Lomakin e Arkady Vorobyev, no pódio de 1952

Nas décadas de 1920 e 1930, com a expansão dos “totalitarismos”, como bem disse a filósofa Hannah Arendt, capitalistas e imperialistas viram fascistas e comunistas chegarem à disputa. Não à toa, em 1936, apenas três anos depois da ascensão de Hitler ao poder, a Alemanha Nazista sediou os Jogos de Verão. Essa edição teve cenas memoráveis, como a vitória do corredor afrodescendente norte-americano, Jesse Owens, sobre os “arianos” germânicos, nas provas de atletismo. Ainda assim, com a Alemanha se sagrando a vencedora com o maior número de medalhas, o Führer teve sua vitória.

Ademais, os faraônicos projetos da arquitetura nazi, como o próprio estádio de Berlim – de pé até hoje –, passaram a mensagem para o público do que estava por vir. Justamente por essa sede de poder nazista, as edições de 1940 e 1944 foram canceladas, uma vez que a Segunda Guerra estourou em 1939. Já a de 1948, a primeira do pós-guerra, foi sediada em Londres, pois a Inglaterra, um dos países mais afetados pelo conflito, queria mostrar que ainda estava de pé.

Os Jogos de 1952 a 1988 foram marcados pela Guerra Fria, com EUA e União Soviética disputando a supremacia no quadro de medalhas. Além disso, houve também os boicotes de um ao outro – norte-americanos não foram a Moscou em 1980 e soviéticos retaliaram não comparecendo a Los Angeles em 1984.

As Olimpíadas da Guerra Fria foram também palco da luta anti-imperialista e antirracista. De cubanos a atletas negros erguendo o punho em sinal de protesto na hora do hino, a dimensão geopolítica de tais Jogos precisa ser lembrada. Para mais, a de 1972, em Munique, que devia ser a “Olimpíada de reconciliação para a Alemanha”, foi marcada pelo terrorismo e pela rivalidade árabe-israelense.

A paz voltou mesmo a reinar apenas em Barcelona, em 1992, a primeira depois do fim da Guerra Fria e da extinção da URSS. E assim foi até a de 2008, na China, uma mostra de que o gigante asiático estava de pé novamente e voltava para competir entre os grandes. De lá para cá já tivemos Londres (2012), onde os ingleses buscaram se mostrar uma “potência renovada”, depois do fim de seu império; Rio (2016), a primeira do Sul Global; e Tóquio (2020-2021), adiada por conta da pandemia.

Em Paris deste ano, com a primeira edição pós-covid-19 e em meio a dois conflitos armados de grande impacto, a geopolítica estará novamente presente. Com o nascente mundo multipolar, vamos ver o “jogo das nações” nas quadras, pistas e piscinas. Que vença o melhor.

RICARDO LOBATO É SOCIÓLOGO E MESTRE EM ECONOMIA, OFICIAL DA RESERVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E CONSULTOR-CHIEFE DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA DA EQUILIBRIUM – CONSULTORIA, ASSESSORIA E PESQUISA @EQUILIBRIUM_CAP

OURO NEGRO

Dos 15 atletas brasileiros bicampeões olímpicos da História, o primeiro foi Adhemar Ferreira da Silva na prova do salto triplo, do Atletismo. O bicampeão conquistou as medalhas de ouro de maneira consecutiva nas Olimpíadas de Helsinque, Finlândia, em 1952, e quatro anos depois, nos Jogos de Melbourne, Austrália, em 1956, onde ganhou o apelido de “canguru brasileiro”. Com saltos de até 16,22 metros, índice obtido no primeiro ouro, Adhemar refutou a teoria das possibilidades humanas segundo a qual o limite de um salto para uma pessoa era de 16 metros.

Nascido no bairro da Casa Verde, em São Paulo, o atleta falava diversas línguas diferentes (pois sempre buscava aprender o idioma dos países que visitava) e era graduado em

belas artes, direito, educação física e relações públicas. Ao longo da carreira, também foi cronista e colunista esportivo, por 12 anos, do jornal *Última Hora* e nunca deixou de se engajar em projetos educativos e sociais em prol do Atletismo, focados especialmente em jovens universitários... “para ensiná-los a ser campeões na vida”, dizia.

Não à toa, Adhemar se tornou patrono do Programa de Apoio ao Atletismo, projeto da Bolsa de Mercadorias & Futuros – BM&F, e foi agraciado com a Ordem Olímpica do COI em 2000, um ano antes de morrer de cirrose hepática e infecção generalizada. Em 2012, o grande bicampeão olímpico brasileiro foi imortalizado no Hall da Fama da Federação Internacional de Atletismo.

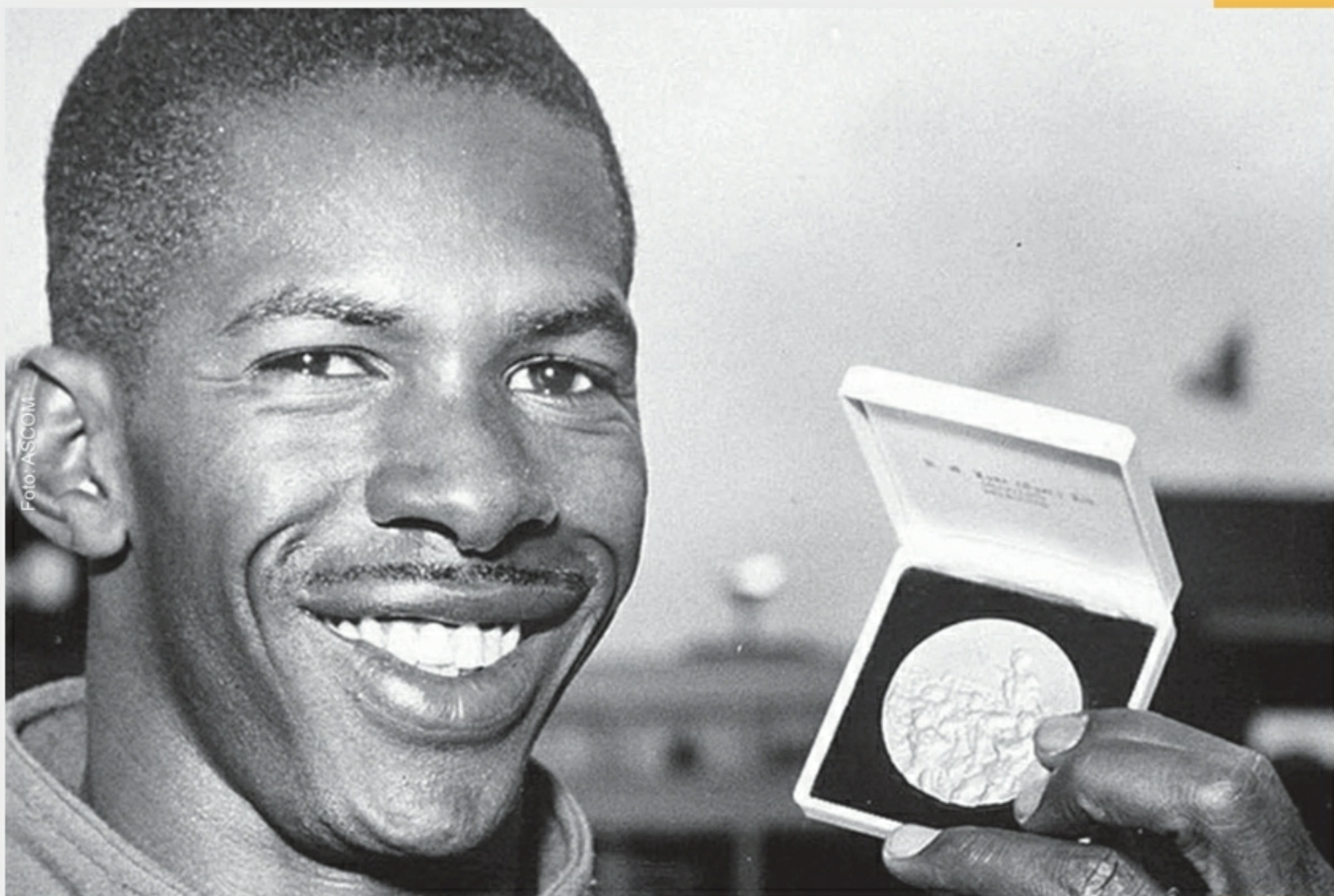
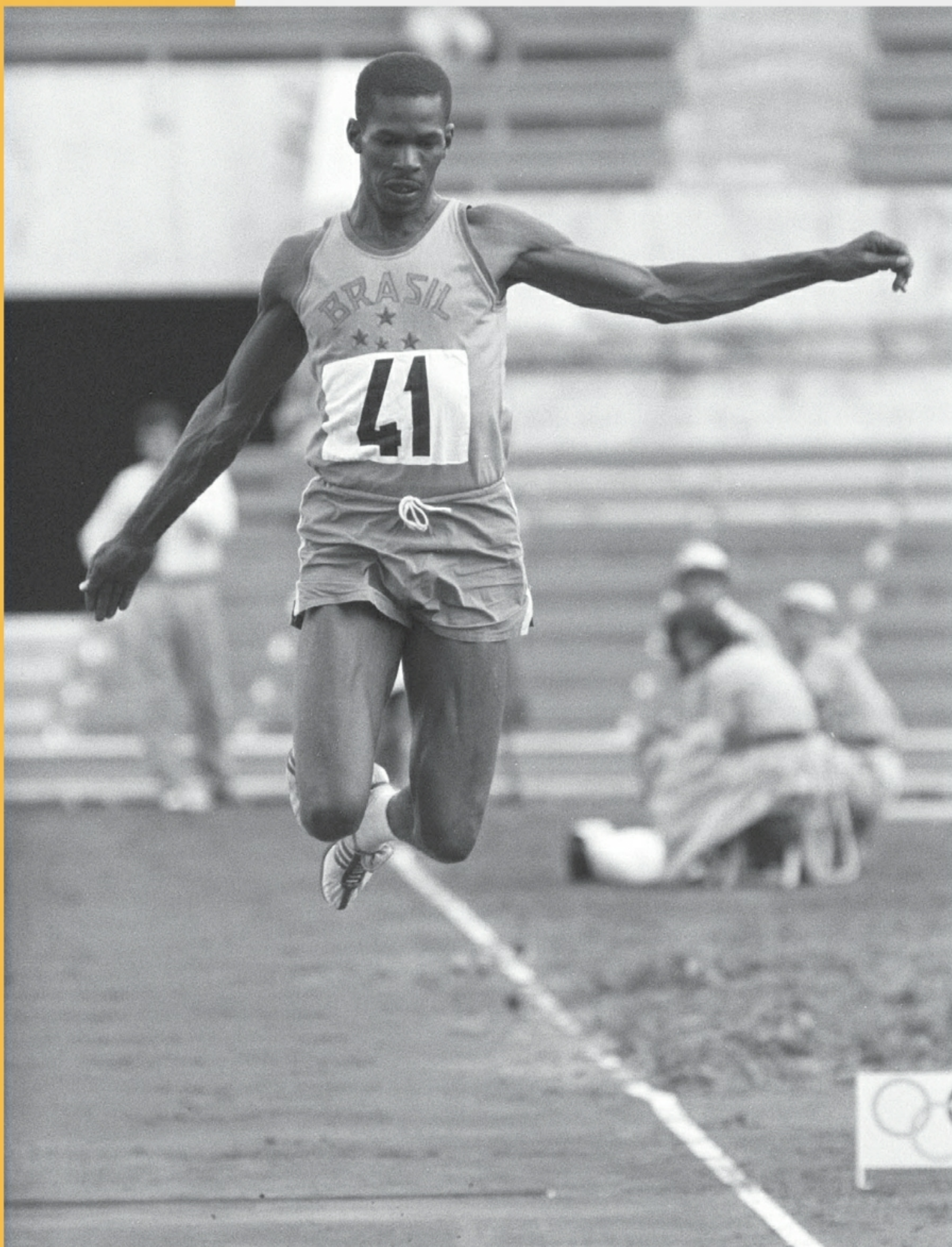


Foto: ASCOM



NOS AJUDE A PROTEGER A VIDA



#JuntosÉpossível
doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

[wwf.org.br](https://www.wwf.org.br)

SIGA NOSSAS REDES
WWF-Brasil



ISBN: 9786557940525



9 786557 940525
EDIÇÃO 254 | JULHO/2023

R\$ 29,90